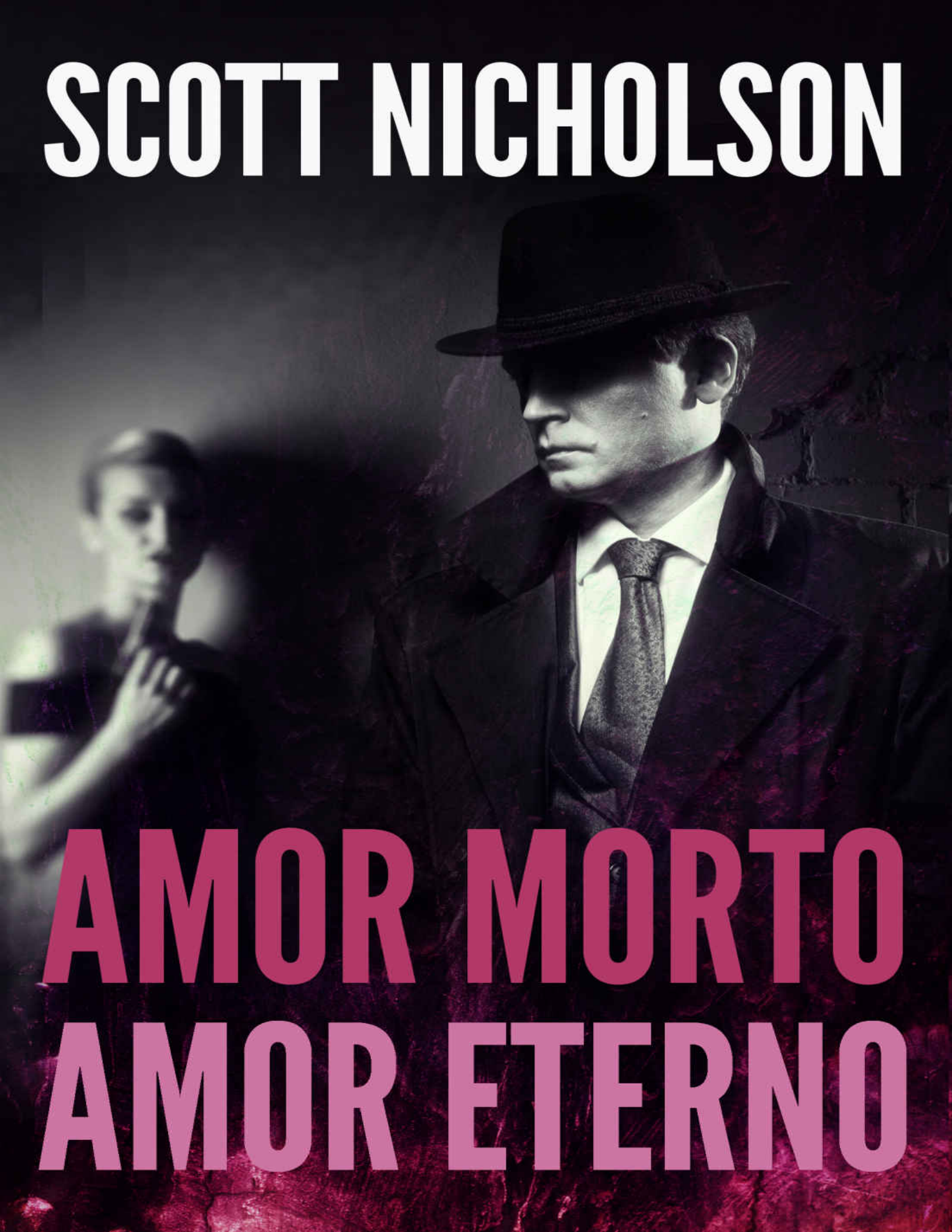
SCOTT NICHOLSON



AMOR MORTO
AMOR ETERNO

O detetive Richard Steele precisa resolver seu caso mais difícil — o próprio assassinato — enquanto se divide entre mulheres em ambos os lados do túmulo.

AMOR MORTO, AMOR ETERNO
De Scott Nicholson

Tradução de Flávia Assis

Copyright ©2010 Scott Nicholson
Publicado por Haunted Computer Books

CAPÍTULO 1.

O choque de realidade às vezes se dádevagar, e até suavemente.

Quando se está morto, demora ainda mais, esteja você na ensolarada Costa Oeste ou em terras tão frias e tão brancas que nemos anjos ousam brincar na neve. Talvez aquele lugar fosse o paraíso, onde nada acontece, e quando acontece, acontece de novo e de novo sem quase mudar — afora o ingresso, que só encarece. Onde quer que fosse aquilo ali, não cheirava a Los Angeles, uma cidade em que choques de realidade acontecem toda manhã, aos milhões, e não melhoramapós a segunda xícara de café.

Escorreguei desse estado de sonolência e aterrissei, bem acordado, num banco duro da Sala de Espera. Meus dedos estavam dormentes, minha cabeça parecia algodão e meus lábios pareciam costurados como os de um ursinho de pelúcia. Achei que fosse tudo culpa daquela última tequila.Normalmente acordo sozinho após dançar de rosto colado com o José Cuervo, mas, desta vez, havia um mané sentado ao meu ladocom um volante de carro cravado no peito. A cara dele parecia a de alguém que acordou de manhã e resolveu se barbear com uma foice.

— Tá aqui por quê? — Perguntou a figura, sem mexer os lábios. Sua expressão estava perdida, como a de uma mocinha inexperiente nocauteadapelas bruxas do supermercado em dia de promoção.

— Aqui? Sei lá. Nem me lembro de ter chegado — respondi, chacoalhando a cabeça, mas nada balançava além de teias de aranha. — Deve ter sido o gim-tônica. Bebida barata, da prateleira mais alta. Sem dúvida é a chave do inferno.

O desconhecido reagiu ao comentário com um esgare seu rosto emanou um barulho pegajoso.

— Quero dizer, o que é que aconteceu com você? — Insistiu.

Examinei as gravuras cafonas penduradas na parede. Onde estava o sorrisosinistro do Papai Noel? Pelo que me lembro, o velhote barbado estava em todos os lugares, colado em cada vitrine e agitando sinetes nas esquinas, às dúzias, exércitos de pedintes obesos. O Natal havia entupido todos os inferninhos e bares sórdidos com guirlandas verdes e bochechas rosadas.

— Como assim? — Perguntei.

— Bater as botas, abotoar o paletó, esticar as canelas, comer capim pela raiz. Como é que você morreu, seu burro?

Eu odiava ser chamado de burro, mas nem fiquei com raiva porque estava muito ocupado tentando entender o que havia com a cara daquele pateta. Uma vaga lembrança começou a se insinuar, mas toda vez que eu tentava pescá-la ela se desfazia como fumaça de ônibus em dia de ventania. Uma mulher se sentou à minha frente, os olhos fechados e fundos, escuros como chouriço cozido. Nas bochechas, a pele rota deixava entrever a carne podre caindo dos ossos. Ela aparentava não ter mais do que uns 150 anos. O papa-defunto deveter economizado no formol.

Um relógio de baquelite redondo, relíquia de alguma escola primária da década de 50, dominava a parede. Os dois ponteiros pretos rodavam em direções opostas, e o vermelho, que deveria marcar os segundos, andava um ponto em sentido horário e dois em anti-horário.

Passei a mão pelo peito. Havia quatro furos na lã do paletó, logo acima do coração, não que eu tivesse um. Tentei examinar um dos buracos: o mindinho atravessou o tecido econtinuou para dentro.

— Tiros, hein? — Constatou meu companheiro de banco, batendo no volante que havia reconfigurado sua caixa torácica. — Muito mais legal do que acidente de carro.

— Este terno me custou 100 dólares.

— Não esquenta. Vão te vestir muito bem na hora do enterro. Você devia ter visto o meu funeral. A maquiagem estava tão boa que a minha mulher até me deu um beijo na testa. Foi a primeira vez que ela me beijou em dois anos — consolou-me o sujeito, sorrindo, o único dente brilhando como um mentex quebrado.

Desviei o olhar daquela carafunérea e examinei mais de perto os buracos no meu peito. Tenho uma mente dedutiva, sou o tipo de cara que gosta de juntar as peças do quebra-cabeça. Gosto de prever o que vai acontecer, para me preparar. Sempre odiei tomar um choque de realidade, mesmo os que pegam devagar.

Sou como todo mundo: achava que era imortal. E não no sentido de vida após a morte ou alma eterna, mas de ser bastante apegado ao saco de carnes que eu arrastava para cima e para baixo há quarenta anos. Acabei me acostumando com aquela cara torta e encrespada que me encarava no espelho todas as manhãs. A morte era só mais um daqueles

questionamentos intelectuais, algo debatido por poetas adolescentes no intervalo das aulas enquanto se ocupavam em não pegar ninguém. A morte era algo que sempre acontecia com os outros, nunca com você.

— É, eu também fiquei perdidinho quando me dei conta — comentou o boneco de teste de carro.

— Mas… Você morreu há quanto tempo?

Taí uma pergunta que eu achava que jamais faria, e olha que já tive a minha cota de cadáveres. Eu também imaginava que esse era o tipo de pergunta que jamais seria respondida. Como todo mundo, eu tinha lido alguns livros do Stephen King, assistido a alguns episódios de *Arquivo X* e folheado os trechos principais da *Bíblia Sagrada* — a parte em que traíram e ferraram Jesus e o Apocalipse, com todas aquelas histórias assustadoras e cheias de sangue. Agora ali estava eu, esperando que um desconhecido me contasse os fatos da vida, ou do pós-vida.

— Tem uns cinco dias da Terra. É a minha segunda vez. Você já deve ter reparado que o tempo aqui é meio esquisito. É como pegar um ônibus para visitar a sogra: você fica ansioso para entrar nele, e então quer chegar logo, mas depois fica com medo do seu destino.

— Por que você está aqui? Para onde a gente vai? E agora? — Acabei disparando um monte de perguntas. Hábitos morrem mais devagar do que humanos.

— Ah, tomei uma bola preta por ter mentido no formulário. Veja bem, depois do enterro, normalmente você é promovido à vida após a morte. Mas tem tantas regras aqui que com certeza você vai depender da seguridade social antes mesmo de estar morto de verdade. — O sujeito carregava um envelope pardo cheio de documentos, papel suficiente para fazer uma fogueira sacrifical. — Sou o que eles chamam de "café-com-leite". Eu estava indo para a igreja com a minha esposa quando um palhaço dirigindo uma picape furou o sinal vermelho bem na minha frente. Enquanto minha alma se afastava, cheguei a vê-lo abrir a porta do carro e ir aonde meu Buick 1964 estava tombado. Só faltavam três prestações para eu quitar aquela belezinha. O babaca saiu sem um arranhão.

— O que aconteceu com sua mulher?

— Quebrou um braço e algumas unhas da mão. O babaca pediu o telefone dela. Ela deu. Nem venha me falar de choque de realidade…

— Espera aí, não me lembro da hora em que morri, nem de alma nenhuma se afastando.

O Cara-de-Buick deu de ombros:

— Talvez cada pessoa seja diferente. É melhor você perguntar para os especialistas — respondeu, apontando para um corredor comprido com meia dúzia de escritórios.

Percebi que agir era a melhor ação a tomar.Além disso, o Cara-de-Buick estava começando a feder. Ou talvez fosse a Costelinha-de-Porco do outro lado da sala. Talvez fosse eu.

Tentei ficar de pé, mas a minha bunda parecia um saco de cimento molhado. A gravidade não era brincadeira. Eu pensava que fantasmas fossem leves, etéreos, capazes de se esgueirar e atravessar paredes por aí. Que nada, morrer era como seguir uma dessas dietas fajutas que estão na moda.

— Tem que esperar a vez — advertiu o Cara-de-Buick, epequenos cacos de vidro ensanguentados caíram daquelabocamurcha.

Encostei-me de novo e passei os olhos pela sala à procura de um jornal. Não tive sorte, mas havia uma revista *Time*na mesinha lateral, bem embaixo de um vaso de plantas de plástico.

A capa mostrava São João Batista, o Homem do Ano. A revista estava muito amarrotada e cheirava a salão de sinuca. Botei-a no lugar e notei um cinzeiro embaixo da planta. Tateei o bolso do paletó.

O Cara-de-Buick estalou a língua contra a gengiva desdentada e apontou para um sinal de “Proibido fumar” pregado com durex no papel de parede barato.

— Tem certeza de que isso aqui não é o inferno?

— Foi o que me falaram. Acho que eles não mentiriam.

Soltei um suspiro e cruzei os braços. Passou-se um ano, ou dois. Fiquei imaginando se, lá na minha vida antiga, os cartões de Natal que enviei estariam numa posta restante num lugar qualquer. Inclusive aquela carta especial, selada com sete beijos e fita de seda.

— Como você se chama, amizade? — Perguntou meu companheiro de sofá. O cara obviamente era do tipo conversador.

Sempre detestei conversinha fiada. Se opapo não fosse útil para mim, era perda de tempo. Mas, pelo jeito, eu tinha muito tempo a perder. O relógio ainda estava andando de lado. Respondi entredentes:

— Richard Steele.

— Steele, hein? O que você fazia... lá?

Não gostei da forma como ele falou “lá”, como se a realidade fosse um lugar de onde saímosem condicional.

— Sou... — Comecei a responder, mas hesitei.Toda aquela situação estava fazendo minha cabeça girar. Pretérito, futuro e presente, todos os tempos verbais se embaralhavam em uma confusão que fazia os deveres da professora Dempsey na sétima série parecerem simples como o abecedário. — Eu era detetive particular.

— Detetive? Jura? — Admirou-se o sujeito, deixando cair mais estilhaços de vidro da boca.

— Isso mesmo. O que é que tem?

Todo mundo acha que detetives usam chapéu como Humphrey Bogart e sobretudo como o Columbo. Mas esse tipo de fantasia não ajuda muitoquando se trabalha disfarçado nem nas longas horas de espera que representavam 90% do trabalho. Os folhetins nos deram a injusta fama de mulherengos insensíveis e bêbados — como se houvesse outro tipo de mulherengo.

— Você é olho-vivo — exclamou o engraçadinho — só que morto!

Se eu conseguisse me mexer, teria esmurrado as fuças daquele palhaço e arrancado o dente que sobrou, ou no mínimo dado mais uma volta naquele volante, para abrir ainda mais as costelas dele. Mas eu não sabia como é que andava o meu carma. Se aquilo ali fosse uma esquina entre o céu e o inferno, um pouquinho de bom comportamento aos 46 do segundo tempo não iria fazer mal algum. Assim, fechei os olhos e pensei na Lee.

Que bela imagem para minha cabeça cansada! Lee, com aquele cabelo louro e curto que caía em ondas sobre o rosto de forma tão natural, sem jamais precisar de salão de beleza. Aqueles olhos verde-grama, salpicados de amarelo e castanho, do tipo que você só vê uma vez na vida. E aquele corpo... Bem carnudo, não aqueles palitos frágeis que as revistas mostram para vender modas artificiais e perfumes que dão dor de cabeça. Ela não quebrava quando eu a apertava.

Lee era a pessoa mais interessante que eu conheci, e a mais contraditória também. Adorava livros e armas, jardinagem e futebol americano, caratê e roupas de grife. Participou do clube de tiro na universidade, mas detestava as políticas da Associação Nacional do Rifle. Jamais dispararia contra um animal, mas tenho certeza de que mataria um estuprador pego em flagrante com um tirosó.

Gostávamos de poucas coisas em comum, mas respeitávamos as preferências um do outro. Quando ela ligava a TV em uma tarde de domingo no fim do outono, eu saía para dar uma volta em Santa Mônica. Quando ela treinava caratê, eu assistia admirado e fumava um cigarro na segurança do sofá, meio com medo de que ela me desafiasse a entrar no tatame. Agora, eu estava morto e ela estava no mítico "outro lado".

— Lee, tá me ouvindo? Onde quer que você esteja, eu te amo — sussurrei para mim mesmo.

Para ela.

Eu deveria ter dito aquelas palavras com mais frequência, enquanto tive chance. Mas, porra, não era meu estilo. Eu odiava sentimentalismos e Dia dos Namorados e Paz e Amor e toda essa babaquice de abraço coletivo. Mas a Lee tinha paciência comigo. Até ali.

Mas outros não tinham.

— Sr. Brumfield, pode entrar — anunciou a voz cheia de ruído do alto-falante vagabundo. Relutei em abrir os olhos, porque a Lee estava muito bonita dentro da minha cabeça. O Cara-de-Buick se levantou e cambaleou corredor abaixo, deixando um rastro de porcas e parafusos. Uma porta bateu no fim do corredor.

Mais anos se passaram, e até que não foi tão ruim, tendo a Lee dos sonhos como companhia. O relógio da parede tremeu, com o ponteiro das horas andando para um amanhecer distante e o de minutos buscando a noite passada. Lembrei de todas as pessoas que morreram antes de mim e fiquei imaginando se as veria. Esse pensamento me causou um arrepio no corpo frio e amorfo.

Veja bem, eu traí uma vez. Alguém que me amava antes mesmo que eu descobrisse que amor era algo mais do que uma palavra numa música dos Beatles. Eu não entendia naquela época, mas adorava os benefícios secundários: alguém que me trazia café de manhã, que me ninava quando eu adoecia, que arrumava as cobertassem que eu precisasse fazer papel de bobo me jogando na cama de qualquer jeito. Não tínhamos nenhuma preocupação, e eu não magoaria a Diana nem por um milhão e um Bentley. Foi então que me infligi a maior punição imaginável.

Casei com ela.

A Costelinha-de-Porco gemeu. Achei que ela estivesse tendo um ataque epilético, mas não: apenas tentava cantar "*Amazing Grace*". Sempre gostei da melodia dessa música, embora ninguém saiba cantar o segundo verso.

Ouvir aquele miado de gato aleijado, no entanto, era o mais distante de uma experiência religiosa que se pode chegar.

Voltei aos meus devaneios. A imagem comum do pós-morte era “ir em direção à luz”, onde todas as pessoas queridas receberiam o recém-falecido de braços abertos. Eu não tinha pessoas queridas ali, a menos que cachorros entrassem no Paraíso, como Mark Twain acreditava. Meus pais ainda estavam vivos. Não conheci meus avós, então não nutria nenhum sentimento por eles, nem bom nem ruim. Para mim, eles não passavam de fotografias desbotadas. A única pessoa próxima que já havia morrido era Diana, e provavelmente ela não estaria advogando em meu nome junto a São Pedro.

Afinal, ela me culpava por botá-la ali.

Era isso que dizia o bilhete que ela rabiscou pouco antes de enfiar uma ponta da mangueira no escapamento do carro e a outra ponta na janela do motorista.

Durante a espera, um mero pensamento acabou se tornando uma expectativa, que por sua vez desenvolveu-se em um completo e intenso desejo. Lee era um anjo, quanto a isso não havia dúvidas. Se eu conseguisse entrar no paraíso, então, um dia, algum dia, a encontraria novamente. Mesmo sem entender muito desse lance de morte, eu era detetive,e acabaria dando um jeito.

Assim, quando meu nome foi chamado, eu me levanteiexalando determinação e tranquilidade, com o queixo levemente erguido. Desci o corredor e cruzei com o Cara-de-Buick, que estava voltando. Seus lábios faziam um bico que deixaria qualquer adolescente orgulhosa.

— O que foi? — Perguntei.

— Vão me mandar para Detroit.

— Ué, achei que você adorasse carros. Aquilo é o paraíso.

— Sim, mas minha missão é ressuscitaro parque automobilístico de lá.

Dei-lhe um tapinha nas costas que fez algo chacoalhar dentro daquela carcaça sem vida.

— Sinto muito, colega. Imagino o que você está sentindo.

Entrei pela porta de onde ele saíra. As paredes da sala eram forradas de escaninhos abarrotados de formulários, panfletos e recibos. Pilhas de papel balançavam sobre a escrivaninha como torres instáveis. Aparentemente, a revolução digital ainda não havia chegado ao outro mundo. Uma voz feminina se insinuou por detrás da confusão:

— Sente-se, Sr. Steele.

Obedeci, acomodando-me numa cadeira de madeira que fez o banco da sala de espera parecer um trono. Por entre as montanhas de documentos, vislumbrei uma velha de rosto enrugado, chapéu florido e óculos de bibliotecária.

— Bem... Olá — arrisquei.

A velha lia uma pasta de documentos, que deviaser meu dossiê. Sua boca se retorcianuma expressão de aflição burocrática.

— Por que eu sempre pego esse tipo de caso? — Exclamou, revirando os olhos.

— Talvez castigo por uma vida passada cheia de diversão?— Não resisti e deiuma estocada sarcástica. Era assim que eu lidava com situações incertas, esse era meu mecanismo de defesa. A morte muda algumas coisas, mas não todas.

A velha continuava a folhear a pasta sem olhar para mim.

— Algumas coisas boas... Muitas coisas ruins... Mas umas poucas boas ações muito, muito boas. Sabe o que você é?

— Megalomaníaco? — Escolhi essa palavra de um romance que li enquanto vigiava a *garçonnière* de um adúltero. Eu não fazia ideia do significado, mas ela soava bem.

A mulher tirou os óculos e me encarou, séria. Seus olhos pareciam gotas de óleo.

— Você é um "café-com-leite". Um impasse. Um arremedo de alma de meia tigela que não conseguiu perceber qual era seu destino.

— Mas... Isso é ruim?

Seus dedos encarquilhados folhearam mais alguns documentos e, naquele momento, percebi que ela havia chegado ao paraíso. Seu estado de espírito favorito era a exasperação, e ela fora agraciada com uma eternidade disso.

— Bem, dá para dar um jeito. Mas depende do que você quer.

Falando desse jeito, parecia que eu tinha escolha, aqui, agora, morto. De que adiantaram todos os tumultos da existência? Cheguei a lamentar rapidamente todas as oportunidades pecaminosas que deixei de aproveitar. Não que fossem muitas.

— Por que depende de mim?

A mulher botou os óculos de novo para poder olhar para mim por cima deles.

— Você quer ir para o céu ou para o inferno?

— É claro que para o céu.

— Isso é o que todos dizem, mas pense bem. O inferno é moleza, e seus amigos estarão lá. Você vai receber os códigos para decifrar as gravações ao contrário do Led Zeppelin. Lá tem muitos gatos eum monte de agentes de Hollywood para pagar o seu almoço. Mas ir para océu exige muita fé. E um sacrifício dos diabos.

Bem, até que dava para fazer sacrifícios, mas ter fé era um dos meus pontos fracos. Lá na terra dos vivos, todo mundo estava se preparando para comemorar o nascimento do Salvador, se bem que a maioria ficaria em estado de choque se abrisse a porta e desse de cara com J.C., aposto. Eu nunca tinha levado a sério o nascimento do sujeito, mas entrava na onda de encher a cara de peru e panetone. E tinha um fraco por*Noite Feliz*.

Entrar no céu era um aposta alta, mas sou o tipo de cara que gosta de um desafio. Um cara motivado. Quando eu era vivo, jamais gastaria nem um segundo de reflexão sobre religiões e nascimentos imaculados e Deus e pechinchar um caminho para uma eternidade servil. Mas a morte muda as coisas. Um dia você vai descobrir por si mesmo.

Cruzei as mãos e baixei a cabeça, como um coveiro que se finge compungido para fechar negócio:

— Bem, então você começa a pregar o Evangelho e eu acreditarei nele, se for preciso.

A mulher esmurrou a escrivaninha, fazendo tremer perigosamente as pilhas de papel e quase provocando uma avalanche.

— Não se trata de Deus ou do diabo, Sr. Steele, nem do bem ou do mal, mas de fé, de crença no certo e no errado, na justiça, na esperança e no amor. Amor no sentido de gostar de algo além desse seu umbigo encardido. E, pelo que estou vendo, acho que você não tem as ferramentas para isso.

Pensei em Lee, em seu rosto, e em como queria tocá-lo mais uma vez. E então lembrei de Diana.

Se Diana estivesse no paraíso, eu poderia finalmente acertar os pontos com ela. Em vida, encarei o tambor de um 38 *Colt Python*, voei para fora da estrada a 140 km/h, caí do terceiro andar e me segurei no corrimão da escada de incêndio, e aparentemente coroei tudo isso com quatro balaços de um assassino desconhecido. Mas nada me assustava mais do que as palavras que às vezes saíam dos lábios sedutores de Diana: “temos que conversar”.

De alguma maneira, consegui evitar a conversa por três anos inteiros, duas amantes e incontáveis garrafas de uísque. Acho que conversamos quando Diana estava no caixão, mas a tampa estava fechada, então ela provavelmente não me ouviu. Intoxicação por monóxido de carbono acaba até com os mais belos rostos.

— Dilema moral? — Questionou a burocrata com um meio sorriso. — Assuntos inacabados?

Acho que ela conseguia ler mentes. Não sei qual tipo de qualificação era necessária para ser contratado como escrevente na entrada do pós-vida.Se ela já sabia de tudo, por que essa tortura? Então me dei conta de que o mesmo acontecia com essa coisa de Deus. Deus é compreensivo, mas quem de nós é forte o suficiente para admitir os próprios fracassos?

O inferno me acenava com birita, sexo casual, domingos sem obrigações de qualquer tipo e, acima de tudo, *rock'n'roll* nas alturas. Quem iria querer ficar em um lugar onde se ouvem harpas afeminadas? Mas o céuoferecia uma segunda chance. Eu poderia me redimir com a Diana, ou pelo menos lhe dizer o quanto estava arrependido. Além disso, a Lee iria acabar chegando lá em algum momento, e nós poderíamos concretizar todas aquelas juras de amor eterno.

— Posso perguntar uma coisa? — Ousei. O rosto da escrevente estava frio como o relógio na parede, mais um cujos ponteiros giravam em diferentes direções.

— É claro. Estou aqui para servir, como uma garçonete de inferninho,só que de peito caído.

— Qual é a sua religião? — Imaginei que ela seria mais sábia do que um presunto fresco como eu.

— Judaica, é claro.

— E como isso funciona lá no céu? Vocês não acreditam que o Salvador chegou nem nada parecido.

A mulher gesticulou para a papelada empilhada pela mesa, para o calendário de parede sem dias numerados, para a lata de refrigerante de cola genérico largada sobre um livro.

— A resposta está aqui em algum lugar. Os judeus acreditam em viver corretamente na Terra em prol do bem, não de uma possível recompensa. Também é assim neste mundo aqui.

Fiquei imaginando se talvez fosse a roda do carma, reencarnações sem fim, repetindo os mesmos movimentos vezes sem conta. Mas não era isso,

porque ela havia me oferecido uma escolha. Não sei qual figurãoa escreventerepresentava, mas certamente ela não tinha qualquer motivação oculta, ou teria me empurrado para qualquer corredor conforme a conveniência. Apontei para meu arquivo aberto sobre a mesa e comentei:

— Hum, pelo jeito o lance com a Diana está todo aí.

A mulher fechou a pasta rispidamente, provocando uma lufada de ar que atravessou os buracos do meu peito.

— Está tudo aqui. Você pode mentir para si mesmo até ficar roxo, mas está tudo aqui, preto no branco. Nós temos a verdade.

Sempre considerei a verdade como algo flexível, lembrado quando conveniente e esquecido quando traz consequências. Em outras palavras, eu esperava honestidade dos outros, mas ficava espantado quando esperavam isso de mim. Mas aqui em cima (ou embaixo, porque eu ainda não conseguia abandonar a noção protestante de pós-vida como um "lugar" fisicamente relacionado à Terra), a verdade era aparentemente universal.

Que saco.

— Então, o que eu faço em relação a ela?

— Ela era apenas a sua esposa. A mulher que você prometeu respeitar e amar até que a morte os separasse. E você sem dúvida manteve essa promessa, não foi?

Pisquei os olhos várias vezes. Verdade seja dita: meus olhos estavam incomodando porque, talvez, umas lágrimas estivessem se formando. Às vezes, quando a gente finge que um inseto entrou no olho, dá para liberar algumas lágrimas sem que ninguém perceba.

— Erros foram cometidos — assumi.

— Voz passiva — observou a bruxa, como se fosse uma professora de gramática aposentada. — Dizendo assim, não é sua culpa. É tudo coisa desse safado do Universo, e nada disso estava sob seu controle. Deus lhe mandou uma mão de cartas ruins. O destino levou um porrete para a sua vida e você não podia fazer nada. Não podia levantar um dedo para impedir.

— Isso mesmo — respondi, piscando mais rápido ainda.

— Mas você pode levantar um dedo agora — retrucou a mulher, num quase meio sorriso.

A porta da sala se abriu com violência, a mesma porta por onde eu havia entrado minutos ou horas antes. Só que o corredor estava diferente, sem aquele ar banal, com carpete cinzento e gravuras bregas de natureza dependuradas nas paredes. Agora, tentáculos de fogoondulavam como

línguas de cobras, centenas delas, sinuosas, sibilantes, sedutoras. Em meio às labaredas estava o rosto de Diana, tão belo e sensual como sempre. No entanto, a volúpia havia se desvirtuado. Diana era Eva após a mordida na maçã, perversa e astuta, inflamada com a chama do Demônio e absolutamente impenitente. Os olhos embaçados me fuzilavam com aquela intensidade tão familiar, ao mesmo tempo acusatória e autodepreciativa.

— Erros foram cometidos — assobiou a voz como uma lufada vulcânica —, erros foram cometidos.

Engoli em seco o que me pareceu um punhado de vidro moído. Uma saraivada de dor me atravessou como se alguém tivesse despejado ácido de bateria nos buracos de bala do meu peito. Meus olhos ficaram ressecados como uvas-passas. Se você acha que defuntos não sofrem, está enganado. É um tipo diferente de dor, fria como o túmulo,profunda como a alma e que não passa com aspirinas.

— Diana? — Perguntei à face que se misturava às chamas. Algumas imagens serpenteavam em meio ao caos vermelho e amarelo, em furiosa dança de guerra. Às vezes, um braço ou um joelho despontavam, transformando-se imediatamente em ossos calcinados em meio a uma nuvem de fumaça cinzenta.A gargalhada de Diana crepitava.

Voltei-me para a escrevente na expectativa de uma resposta, ou mesmo de ajuda. A sala estava completamente vazia, exceto pelo relógio de parede, cuja face agora se derretia, os ponteiros caídos como nas pinturas de Salvador Dalí. Quatro marcas de poeira no chão sinalizavam o lugar onde estava a escrivaninha.

Afastei-me da porta iluminada e de seus dervixes rodopiantes. O rosto de Diana surgiu novamente, me olhando de soslaio por entre as chamas:

— Até que a morte nos separe, hein?Você achou mesmo que escaparia assim tão fácil?

Eu queria que aquilo fosse apenas o crepitar das labaredas, mas era a voz dela. Suas palavras. Sua raiva.

Tentei me afastar um pouco mais, mas a sala havia encolhido. Parecia ter o tamanho de um caixão. Eu não conseguia respirar, mas acabei lembrando que não preciso mais disso.

— Você vai voltar, mas vou estar com você — sussurrou Diana. — Você me deve uma.

— Devo? — Quem já foi casado sabe que essas discussões tendem a andar em círculos, e o casalsempre cai nos velhos e dolorosos padrões.

Vergonhosos padrões.

— Você me amava, ou pelo menos dizia que sim.

— Isso mesmo, eu te amava. — Eu a amei. Acho que sim. Quem sabe dessas coisas, além de Deus? Mesmo depois de morto, eu não sabia se Deus existia. Ele ainda não havia me mostrado sua sagrada cara, e um Deus misericordioso teria me poupado desse encontro pós-suicídio. E, se Deus fosse amor, então ambos partilhavam da mesma inexistência.

— Quando se ama alguém, você tem uma dívida com essa pessoa — retrucou Diana. — Para todo o sempre, amém.

O verbo amar foi conjugado com um quê de asco, como se eu fosse culpado por todos os corações partidos da história da humanidade. Talvez todos os amantes fossem malfadados. Afinal de contas, finais felizes não existem, a não ser que você acredite em vida após a morte e osdoispombinhos tenham a sorte de acabar no mesmo lugar. O amor pode ser o caldeirão do inferno, mas supostamente também pode extinguir as chamas, baixar a febre, esfriar o ardor quente e estranho que leva as pessoas a atos insanos. Ou talvez eu tenha escutado música *pop* demais.

— Desculpe-me por... sabe como é... por antes — balbuciei. É muito estranho falar depois de morto. As palavras saem da garganta sem qualquer sopro de ar por trás. A impressão é que as palavras não têm substância. Pelo jeito, o pós-morte não iria mudar meu estilo de me comunicar, pelo menos não em relação a Diana.

Ela não estava comprando meu blá-blá-blá:

— Você acha mesmo que vai conseguir compensar tudo?

Diana se aglutinou numa forma mais sólida e o fogo atrás dela abrandou. Seus olhos eram centelhas de mágoa que acumulavam e jorravam dor. As chamas lhe escalavam a pele nua como os dedos de cem estupradores. A tez lívida e inchada quesinalizava as circunstâncias de sua morte agora pulsava, rosada por um ardor obsceno.

Era bonita, a danada.

— Não dá para voltar no tempo — argumentei num clichê esfarrapado e vi o relógio contraditório na parede rindo da minha cara.

— O que está feito, está feito — respondeu Diana, quase sarcástica.

— Eu realmente amei você.

— Amou. — Ela sorriu, e me lembrei desse sorriso em centenas de noites à luz de velas, seu cabelo espalhado sobre os travesseiros, as molas

do colchão cantando e a cabeceira batendo na parede como uma castanhola.
— O que o impede agora?

Muitas coisas. Diana estava morta. Lee estava viva. Eu ainda não havia aceitado minha morte e, de alguma forma, achava que ainda tinha mais coisas em comum com a Lee. Não que eu costumasse comparar mulheres. Ambas tinham defeitos e virtudes, ambas eram sedutoras e indecifráveis.Nunca entendi por que o amor tinha que ser uma condição mutuamente exclusiva. O amor era algo grandioso, amplo e estranho e complexo como Deus, e quem era eu para tentar explicá-lo ou contê-lo?

— Você merece alguém melhor do que eu. — Pronto. O mecanismo de distanciamento perfeito. Jogar a culpa em mim, para que ela se sinta bem quanto à rejeição.

— Eu achava você o máximo. — O corredor e a sala esfriaram. O calor das chamas havia amainado. Engraçado como calor e frio, dor e ansiedade, desejo e nojo ainda me afetavam. Seria de se imaginar que a falta de pulsação cardíaca acabasse com todos esses sentimentos mortais e vazios. Mas, de certa forma, eles pareciam mais intensos, como se sua natureza efêmera os pintasse em cores vivas, como folhas mortas no outono.

— Talvez eu tenha sido o máximo em algum momento. O melhor para você. Mas as pessoas mudam.

— As pessoas mudam mesmo depois de mortas. — O sorriso voltou, mas agora cintilante, com labaredas escapandopor entre os dentes. — Mas você vai descobrir isso da pior maneira.

A pior maneira. Como se a morte não fosse barra pesada o suficiente sem uma rodada extra de provações. Até que ponto ia a crueldade desse Deus invisível?

— Veja bem, Diana. Eu gostava de você. Quer dizer, gosto...

— Eu ainda te amo. Sempre te amei.

— Acho que não temos mais muita coisa em comum.

— Nós dois estamos mortos! — Diana quase soou satisfeita, como se agora eu não tivesse uma porta por onde dar o fora, outros lábios para beijar, uma cama quente do outrolado da cidade para dividir com alguém que fazia menos perguntas e exigia menos atenção. Como se agora fôssemos os dois únicos defuntos do mundo e tivéssemos que ficar juntos.

Será que ela sabia da Lee? Eu só conheci meu amor verdadeiro dois anos depois que meu primeiro amor verdadeiro entrou pelo cano de escape e foi direto para o caixão. Aquele era um momento muito desconfortável.

— Estamos aqui, eu e você, e melhor é impossível — disparei, e a frase soou como uma péssima cantada até para mim. A tática do desespero. Estamos ferrados, então vamos dormir juntos. Ou: estamos ferrados, então por que se preocupar?

— Você nem sabe onde é "aqui".

Diana ainda estava nua e eu não conseguia manter meus olhos úmidos nos dela. Eu queria vagar por aquele corpo, verificar se as glórias físicas continuaram intocadas pela mácula do passamento. Eu precisava lembrar que ela havia se manifestado primeiro como uma bola de fogo furiosa, não como uma gatinha sexy e suculenta. Aquilo devia ser pura fachada. Eu conheço bem as mulheres quando elas querem alguma coisa.

Além disso, os vultos em chamas que saltitavam em torno dela sugeriam músculos masculinos bem torneados. Ela não era do tipo que fica só por muito tempo. Quem sabe a vida após a morte fosse como a hora de fechar da boate barata, quando ninguém vai embora sozinho? Ela poderia ter recrutado um exército de admiradores naquela terra onde o pecado não provoca hesitação, não acarreta punição etalvez guarde a mais eterna das recompensas.

— Como você disse, estamos os dois mortos. — A repetição não deixava a ideia mais fácil de engolir.

— Mas eu estou morta há mais tempo. Passei muito tempo esperandovocê. Tempo suficiente para pensar e planejar.

Eu achava que o tempo não existisse no pós-vida, ou pelo menos não no sentido progressivo, como sugeria o relógio contraditório. Na Terra, sempre nos empurraram goela abaixo a certeza de quea vida após a morte era um estado imutável, fixo. Um lugar onde era tarde demais para se arrepender. Sempre aceitei isso com um certo alívio. Depois de algumas décadas e alguns gramas de aço no peito, você fica cansado de pedir desculpas. Ainda assim, lá ia eu de novo:

—Eu não quis magoar você.

— Você continua um imbecil arrogante, mesmo depois de morto! —Respondeu Diana, e seus lábios se contraíram num sorriso malicioso. — Você acha que meu suicídio foi por sua causa?

As paredes continuavam a se estreitar, mas agora tão devagar que eu quase não notava. Devo ter achado que elas eram imateriais, algum tipo de alucinação. Afinal, o fogo havia enfraquecido, a escrevente e sua mesa haviam sumido e até o relógio havia saído de férias. Mas a parede atrás de

mim continuava a cutucar meu traseiro e me empurrar para a frente. Para mais perto de Diana e do fogo do inferno que ela cortejava.

Ela estava nua, mas de certa maneira tirava páginas de algum lugar, como se tivesse bolsos escondidos entre as deliciosas curvas de sua carne. O papel era imune ao fogo, tabletes de argila finíssimos, gravados por mãos conhecidas. As minhas.

— Lembra dessa clássica?— Diana limpou a garganta com um pigarro sulfuroso e recitou minhas próprias palavras. — "Estou cansado de pedir desculpas. O erro foi meu, mas é um erro que assombra nós dois. Pode me arrancar do seu coração, apagar minha lembrança da sua mente.Queime tudo que eu toquei. Troque os malditos lençóis. Eu te amo, mas não podemos continuar juntos."

Minhas palavras, jogadas de volta para mim por aquela língua de fogo e maldade, viraram a patética poesia de um perdedor inveterado. Ainda na juventude, descobri que palavras provocam efeitos nas fêmeas. Uns rabiscos na folha de caderno se esgueiravam pela sala de aula e aterrissavam corretamente em mãos delicadas e macias. A mais inteligente das mulheres podia ser vítima de meia dúzia de frases bem escolhidas. Não importa quão absurdas fossem as mentiras, era a apresentação que contava. Poetas, atores e políticos aprendiam isso desde cedo.

— A primeira vez em que terminamos — reconheci.

— A gente melhorou com a prática.

— Em tudo. — Uma música das antigas dizia que era muito difícil terminar, mas descobri que na terceira veza gente dá sorte.

— Você sabe o que acontece com suicidas aqui?

Imaginei que, provavelmente, suicidas carregavam sua dor para sempre, mas eu estava começando a suspeitar que isso acontecia com todos nós. Pelo menos até chegarmos naquele lugar sugerido pela minha assistente social defunta. Tudo o que eu queria era encontrar uma porta daquela sala que encolhia rapidamente, porque o calor de Diana estava me fazendo suar. Quando se está morto, o suor cheira a queijo de cabra estragado e tem a consistência de piche. Além disso, eu não conseguia pensar com a Diana em cima de mim. Certas coisas nunca mudam.

— Suicidas precisam de redenção especial — arrisquei —, porque é o pecado mais egoísta de todos.

— Vindo do safado mais egocêntrico do mundo, não é pouca coisa.

— Já disse que sinto muito. Se eu puder fazer mais alguma coisa... ajudar você a fazer a passagem, rezar pela sua absolvição, seja o que for, é só me dizer.

— Sim. Você vai receber uma missão. Mas a minha missão é tornar a sua morte a pior possível. Vou assombrar cada passo seu. Vou atrás de você ida e volta até o Inferno.

Eu tinha a sensação de que,se acabasseno Inferno,a viagem seriasó de ida para mim, e talvez para a Diana. Mas o pós-vida estava se mostrando muito diferente do que os religiosos e os roteiristas de Hollywood pintavam.

— Nunca deixei de te amar — afirmei, e isso era verdade, em parte.

A bondade oculta nessas palavras devia ter algum tipo de poder, pois as chamas começaram a desaparecer no momento em que as paredes me empurrariam contra o corpo dela. Diana era muito gostosa. Eu ouvia minha pele fritando sob o paletó, mas não sentia dor. Quer dizer, não dor física, mas eu sofria por não saber se a abraçava, se agarrava seus pulsos para impedi-la de me estapear ou se tentava ignorá-la. Minha varinha mágica adormecida se mexeu dentro das minhas calças. Acho que nem tudo em mim estava morto.

A sala agora tinha o tamanho de uma cripta. Fechei os olhos e ignorei a pressão do vulto de Diana, sussurrando frases descartáveis:

— Foi muito difícil seguir em frente depois que você morreu. Se eu soubesse que a gente teria uma segunda chance aqui...

— Você teria me esperado?

Bem, o coração de um homem é como uma caneca de cerveja — não fica muito tempo vazio. Quem não para de beber, não fica de ressaca.

— Eu teria esperado — menti.

— Então podemos tentar outra vez.

Eu estava perto o bastante para beijar seus lábios, mas fui dissuadido pelo fato de não haverar naquela boca.

— Querida, acho que nós mudamos. As pessoas tomam rumos diferentes.

— Eu sei dela. Da outra mulher.

Merda.Bem, isso não fazia muita diferença. Eu não estava traindo a Diana, porque nós estávamos em lados separados da vida. Mas talvez a traição fosse uma coisa do coração, não da carne. Eu não sabia nada das coisas do coração, e muito pouco da carne.

Diana deu uma gargalhada, os lábios se contorcendo como filhotinhos de cobra.

— Você me deve uma, Richard. Eu ainda não sei o quê, mas você me deve uma.

Apesar da irradiação que emanava da carne etérea de Diana, um arrepio me desceu pela espinha. Aquilo significava que ela era o diabo? Ou apenas um agente do cara marrento de rabo pontudo? De fato, Diana nunca precisou de ordens para bagunçar com a minha cabeça. Ela tinha acendimento automático no que diz respeito a me causar dor.

Diana olhou por sobre o ombro, como se atendesse a um comando inaudível.

— Tenho que ir agora, querido. Mas eu volto.

As paredes começaram a recuar e Diana sumiu como a chama de uma vela que se apaga, deixando para trás apenas um resto de fumaça. A sala voltou ao tamanho original, me espantando ligeiramente. Conforme o relógio, os quadros e a mesa reapareciam, lembrei-me da promessa que fiz a Diana naquela tarde de junho.

Até que a morte nos separe.

E mais outras.

As mulheres não entendiam nada de amor, mas com certeza sabiam tudo de posse.

***

CAPÍTULO 2.

A escrevente piscou os olhos. O relógio de parede havia voltado três minutos, como se eu tivesse encontrado Diana numa vida passada.

— Você a viu? — Perguntei-lhe.

— Vi quem?

— Deixa para lá. É problema meu, não seu.

— E você tem muitos — confirmou ela, tamborilando sobre o meu dossiê. — Acho que você não vai chegar ao seu cantinho da felicidade.

— Eu consigo. Tenho muita força de vontade.

— É preciso mais do que força de vontade. É preciso fé.

— Achei que você tivesse dito que religião é história para boi dormir.

— Fé não é uma crença em divindades invisíveis ou em coisas mortas. Fé é a crença na vida.

— Bem, acho que já não posso acreditar na vida, não é? Quer dizer, eu sempre joguei com as cartas que a vida me dava.

A escrevente apertou os lábios azulados e começou a empurrar minha pasta para a beirada da mesa. A papelada escorregou e caiu numa lixeira que eu não havia notado antes. Porque a lixeira não estava lá.

— Ei, peraí, peraí! — Protestei, avançando, e meus pés pareciam penas. Remexi o lixo e catei os documentos, que ficaram manchados de borra de café, resto de cerveja choca e casca de banana, mas continuaram legíveis. Bati com a pasta na mesa, fulo da vida com Diana, com medode que quisessem um naco da minha alma e irritado porque alguém iria se safar de um assassinato às minhas custas.

A vida era injusta, porque eu estava morto. A vida era sagrada, porque os vivos assim o diziam. A vida era bela, porque a morte era sincera como um espelho. Tudo o que me restava eram algumas lembranças espaçadase uma persistente imagem mental de Lee,mas eu tinha um desejo que nenhuma ex-mulher vingativa poderia apagar.

Levantei-me da cadeira e enfiei o dedo na cara da escrevente:

— Eu tenho muito a esperar. Eu tenho que ir para o céu. Eu quero. Diga o que eu preciso fazer.

Ela se recostou na cadeira e entrelaçou os dedos. Seus lábios deslizaram um sobre o outro, num sorriso reptiliano.

— Ora, ora, Sr. Steele, pelo jeito ainda há esperança para você. Mas não posso lhe dizer o que fazer. Você vai ter que descobrir sozinho.

Esperança.

Se uma palavra merecesse ser embrulhada em belas folhas de ouro, seria essa. Esperança, aquilo que fazia os vivos levantar da cama de manhã, que deixava os fortes de joelhos, que derretia o coração de rainhas de gelo. A palavra que nos impelia a tomar fôlego, pelo menos àqueles cujos pulmões ainda funcionavam.

A escrevente me passou alguns papéis e uma caneta. Devo ter ficado uns dez anos preenchendo o formulário para entrar no céu, cujo nome oficial era Lugar de Luz S.A. A logomarca era muito elegante, com as letras "LL"sobre um sol nascente.

— Então, como funciona? — Perguntei.— Achei que os cristãos tivessem o monopólio do céu. Não é por isso que eles dizem que Deus mandou Jesus à Terra? E quanto ao nirvana, o valhala, o paraíso e tudo o mais?

A escrevente apertou as mãos macilentas, como se quisesse me bater mas se forçasse a seguir o protocolo. Ela manteve a compostura e fingiu ter paciência.

— Jesus morreu pelos pecados dos que acreditam Nele. Cada um tem sua forma de se livrar de seu fardo terreno. Buda, Satã, o Poder Superior, o Mágico de Oz, o Grilo Falante, qualquer coisa que lhe dê consolo.Tudo acaba no mesmo lugar. Agora, pelo amor de Deus, anda logo com essa papelada antes que eu perca mais umas duas eternidades neste caso!

— Feliz Natal para você também.

Acabei de preencher os formulários e, ao entregá-los à escrevente, esbarrei em seus dedos. Sua carne era gelada. Ela percebeu minha expressão de surpresa.

— Morri no Titanic — esclareceu ela, com algum orgulho, e passou a conferir minha ficha de inscrição para o céu, murmurando a cada item. — Arrã... Arrã... Certo, dá para começar com isso. Está pronto para sua tarefa?

— Tarefa?

— Jura? A vida não lhe ensinou nada? Se você quer alguma coisa, tem que trabalhar por ela. Não é tão fácil quanto ficar de joelhos e puxar o saco de uma divindade invisível qualquer.

— Me diz então o que tenho que fazer — concordei.

— Você tem que voltar e solucionar seu próprio assassinato. E tem que ser antes do seu enterro.

— Voltar?

— É, para a Terra — respondeu a escrevente, distraída, já folheando o próximo arquivo.

— Isso significa que vou voltar à vida?

— Você mal estava vivo quando tinha vida, se é que você me entende. Você nunca soube viver.

— Mas vou ser real?

— Você vai conseguir interagir com o mundo dos vivos, mas isso vai ter um preço.

Bem, até aí nenhuma novidade. E pelo jeito o pós-vida também não seria nenhuma sopa no mel. Mas pelo menos eu teria a chance de resolver um último caso. A justiça sempre vence, pelo menos nos programas de TV.

— Qual é o preço? — Perguntei. Pelo que eu me lembrava, deixei uns duzentos mangos na conta do banco, um cinzeiro cheio de moedas no carro e um molho de queijo do Dia de Ação de Graças na geladeira. Não é muito quando se trata de dívidas cósmicas.

— Você vai descobrir. Faz parte do trabalho.

Um zé-ninguém como eu não acaba com um monte de furos no casaco por qualquer motivo. Se solucionar o caso significasse que eu e Lee teríamos uma chance, então estava pronto para cair dentro com tudo. E, tenho que admitir, uma dose da boa e velha vingança é sempre um ótimo incentivo. Eu odiava deixar pontas soltas, especialmente quando era a minha que estava voando na brisa da eternidade.

— Vamos aos fatos — exclamei, voltando facilmente à minha antiga profissão. Finalmente algo normal. Da mesma forma que o medo, aquilo era familiar e seguro.

— Não há fatos. É por isso que precisamos de você, para completar a ficha do seu assassinato.

— Como é? Eu achei que vocês tinham conhecimento de tudo!

— Só sei das coisas quando recebo um memorando — comentou ela, encerrando o assunto.

***

CAPÍTULO 3.

E num instante, como mágica ou truque de edição, me vi deitado, com o peito ardendo e os pulmões arquejando. Minha boca sabia a chumbo e cobre, minha cabeça era como um saco de plástico recheado de algodão farpado. Abri os olhos e reconheci o teto do meu apartamento. Dava para ver rostos nas sancas de gesso, reparando bem. Um rosto, na verdade. A face de Diana, multiplicada por vinte. Ela parecia feliz em me ver morto.

Eu me levantei, desta vez como um fantasma de verdade, não um homem pesadão que deviapagar alguns milhares de abdominais. Olhei em volta rapidamente, na esperança de flagrar o assassino com a boca na botija. Mas eu já devia saber que não passaria no teste de fé assim tão facilmente. Aquilo não havia sido nenhum ataque a queima-roupa.

A sala estava como eu a deixei, exceto por uma parede, que contava quatro furos no gesso. Uma das balas atravessou meu calendário de bichinhos de estimação, bem no meio do beagle que era o Mister Dezembro. Outra tosou as folhas de plástico da minha árvore de Natal, cortando um enfeite no meio. O relógio de parede marcava cinco minutos para as quatro horas e parecia funcionar normalmente. Isso me deu algum conforto, ainda que cada tique-taque significasse menos tempo para resolver o caso e salvar minha alma.

A parede perfurada ficava a norte, logo as balas vieram do sul.E passaram pela janela aberta. Flutuei até ela e olhei para fora. Los Angeles se espalhava diante de mim como brinquedos quebrados no chão do quarto de um pirralho.

O atirador de elite devia estar em um dos prédios do outro lado da rua. Um hotelzinho barato, do tipo que aluga quartos por hora, era a opção óbvia. Mas, como detetive, aprendi que a opção óbvia costuma ser a opção errada. Também aprendi essa lição como homem, pelo menos quando se pisa no ninho de cobras chamado amor de mulher.

Olhei mais longe. O sebo e a lojinha de comida armênia ficavam no nível da rua, e meu apartamento, no segundo andar. Na janela da igreja de cientologia havia alguns livros do Hubbard arrumados sob uma estrela de luz néon, mas o lugar parecia trancado. De nenhum desses lugares haveria

ângulo para um tiro certeiro. Desloquei o olhar para a direita.O Hollywood Hype. Bingo.

O Hollywood Hype era um empreendimento misto, com loja de suvenires no térreo e suítes em cima. Havia quatro janelas que davam em quartos com nomes de estrelas de cinema: suíteMarilyn Monroe, suíte James Dean, suíte Ginger Rogers e por aí vai. Aquele hotel era feito sob encomenda para pegar turistas, que depoispodiam se vangloriar para os amigos por terem se dado bem no quarto da Marilyn. Todas as suítes eram de mau gosto, decoradas com fotos publicitárias antigas e toalhas comemorativas: objetos "raros" prontinhos para serem furtados, conforme a expectativa da gerência do Hype, que assim poderia enviar uma cobrança bem gorda para o cartão de crédito dos hóspedes.

Fui me encaminhando para a porta e a escadaria, quando me dei conta de que eu era um fantasma. Foi preciso um pouco de esforço mental, mas enfiei a mão através da parede. Legal. Eu iria gostar de trabalhar naquele caso, mas ficoimaginando qual seria o "preço" de que a assistente social do pós-vida me alertou.

Passei os olhos pelo apartamento, e então para meu cadáver. Eu estava com cara de bobo, com a boca aberta como se tivessem me perguntado a resposta para uma problema de álgebra. A braguilha da calça estava meio abertae a camisa estava com a gola encardida e sem um botão. Eu não era tão bonito quanto achava. Nada como morrer para receber uma bela dose de realidade.

Uma poça de sangue se espalhava pelo carpete velho. Vasculhei meus bolsos, exatamente como eu faria se fosse um cadáver alheio. O lado bom de ser um fantasma era não ter que me preocupar em deixar impressões digitais. Se bem que elas seriam minhas de qualquer forma e supostamente estariam por todo lado.

Cigarros. Isqueiro. Uns poucos dólares. Bem poucos.

E um bilhete. É claro! Lembrei do bilhete naquele instante, rabiscado em um pedaço de papel de embrulho: "Me encontre na portaria. 4 horas."

Olhei para meu relógio de pulso, mas ele estava rodando para trás. Recorri então ao relógio de parede: 3h58.

Escutei sirenes, mas a seis quadras de distância e certamente presas no eterno engarrafamento da hora do *rush*. Fiquei tentado a ficar ali e aguardar a chegada dos policiais. Mas o que eu lhes diria? Eu ainda não sabia qual eram os meus limites nem se conseguiria interagir com os vivos. Além

disso, algo me dizia que eu deveria resolver essa maçada sozinho. Tudo bem. Eu gostava de trabalhar sozinho.

Exceto em relação a um certo desafio. O retrato de Lee estava sobre a televisão, e ela estava muito melhor do que qualquer diva de série de TV. Atravessei a sala pé ante pé, por força do hábito agora inútil. Será que eu conseguiria segurar a fotografia?

Hora de testar meu poderes. Seria de se imaginar que os mortos que voltam recebessem um manual de instruções, mas acho que isso fazia parte do teste.Tinha que fazer por merecer, baby. Isso que era fé.

Percebi que, se me concentrasse com afinco, se acreditasse, o éter do meu corpo endureceria o suficiente para funcionar na minha realidade antiga. Peguei a fotografia e a trouxe para os lábios. O beijo da Lee estava com gosto de poeira.

Escutei um estrondo debaixo do chão e uma rajada de ar quente cruzou a sala. Achei que fosse o encanamentodo aquecedor. Porém, mesmo no meio do inverno, Los Angeles pode dar um suadouro em seus habitantes. Condenados, tarados e gangues de rua cuidam disso. Mas aquilo não havia sido provocado por nada terreno.

— Então essa é a piranha, hein? — Ecoou a voz de Diana pelos dutos de ar.

Não havia tempo para discutir com minha falecida mulher. Eu estava atrasado para um compromisso. Você pode imaginar a tranquilidade que me deu saber que ela estaria vigiando cada passo meu. Igualzinho ao nosso casamento.

Com muito esforço, botei a foto no lugar e dei uma última olhada na sala. Não havia nada ali de que me fosse útil e foi muito bizarro deixar o apartamento no que seria provavelmente a última vez. Quando você acha que já está aceitando sua sorte — ou seu azar —, a realidade chega para dar uma rasteira.

Cheguei ao saguão exatamente às quatro horas. O porteiro entediado parecia um amendoim em casca naquele colete bege. Ele tinha me dado um risinho zombeteiro quando me tranquei para fora de casa de madrugada e de cuecas. Pensei em lhe dar um belo susto, aproveitando minha invisibilidade, mas não quis gastar minhas energias.

4h01: Enquanto esperava, tentei adivinhar quem apareceria. Tentei somar dois e dois, massó dava três ou cinco. Matemática nunca foi o meu forte.

4h02:O sininho bateu sobre o balcão da portaria. O porteiro levantou a sobrancelha e logo voltou para o seu funk. Ele deveria ter olhado melhor, ou então deveria ser gay, porque ela era um arraso.

Cabelos que pendiam como uma echarpe de seda negra. Chapéu de pele em estilo russo. Vestido de pele de leopardo, cuja intimidade com as curvas dela provocou o animal que existe em mim. Pernas que desciam longamente ao chão, e do chão aos quadris. Sei disso porque olhei duas vezes para ter certeza.

Seus olhos eram quasetão bonitos quanto os de Lee, e praticamente da mesma cor. Ela olhou para as escadas e o elevador, e então agarrou a bolsa contra o peito. Estava ansiosa e amedrontada. E com pressa.

Dei a volta atrás de uma pilastra, fora de vista, e me materializei. Estava muito bem para um defunto. Dobrei os dedos como se estivesse usando luvas grossas. Eu parecia bem normal, exceto pela dor de cabeça causada pelo esforço de me concentrar para voltar à existência corpórea e pelo meu paletó, que continuava furado. Se houvesse algum custo espiritual além do fedor no sovaco, minha conta já devia estar bem grandinha lá no livro-caixa do céu.

Fui ao saguão como quem acaba de voltar do banheiro.

— Me encontre na portaria? — Arrisquei, citando o texto do bilhete.

— Richard Steele?

— Em carne e osso.

— Oi, sou Bailey DeBussey.

Nome de estrela de filme pornô ou aspirante a atriz. Normalmente, ambos.

A mulher espiou a rua pela porta de vidro. O barulho das sirenes estava mais alto e bem audível, apesar da música natalina que inundava o ambiente, e arrancou o porteiro do estupor.

— Vamos sair pela porta dos fundos — ordenou a moça, me puxando pelo braço.

Nunca me importei com mulheres no comando, ainda mais quando eram clientes ou amantes em potencial. A batida da porta ao fechar soou assustadoramente como um sibilo de raiva, marca registrada de Diana. Saímos pelo beco atrás do prédio. Um mendigo se escorava numa lixeira, e lhe joguei os trocados do bolso, desejando feliz Natal. Não precisar de dinheiro era uma experiência assustadora, especialmente naquela época do ano, quando as caixas registradoras tilintavam a todo vapor.

— Deus te abençoe, cara — agradeceu o bêbado, exibindo três dentes amarelos no meio sorriso.

— Vou precisar disso.

— Por ali! — Exclamou a impaciente Bailey DeBussey, apontando para o outro lado da rua.

Bailey pegou minha mão e me conduziu por entre uma abertura na cerca de arame. Cruzamos um estacionamento para chegar ao que conhecíamos como café, mas passou a ser chamado de "butique de café". Mesma coisa, só que agora o cafezinho custava caro e sujeitoscomo eu não ficavam pendurados no balcão. Mas quem não tem cão, caça com gato.

Já estávamos numa mesa quando o primeiro carro de polícia parou em frente ao Hollywood Hype. Eles certamente iriam levar algum tempo para encontrar meu corpo. Talvez um dia ou dois, depois de Lee ligar umas cinco ou seis vezes e eu não ligar de volta. Por um instante, me arrependi por tratá-la de forma tão displicente. De certa forma, no entanto, fiquei feliz, pois assim ela só ficaria de coração partido um pouco mais tarde. Porque, ao contrário de muitas mulheres que conheci, ela tinha um coração.

— Então, por que tanto mistério? — Perguntei assim que Bayley pediu um cappuccino. Não pedi nada, pois não sabia como seria comer e beber com meu corpo recém-fabricado e não fazia ideia de por quanto tempo conseguiria manter aquela encenação. Eu ficava esperando que algo estranho acontecesse a qualquer momento, como a parede se abrir e cuspir uma horda de demônios ensandecidos.

— Eu não tinha certeza se podia confiar em você.

Confiar? Em mim? Eu tinha excelente reputação e ela saberia disso se tivesse se dado ao trabalho de pesquisar. Se ela tivesse me encontrado por meio da indicação de alguém, eu teria que dar um jeito de desencavar essa informação. Resolvi fazer o papel de durão. Eu tinha assistido a todos os filmes do Sam Spade como qualquer detetive de meia tigela, e oroteiro mandava tratar senhoritas deslumbrantes de forma direta, distante e incisiva, como se lidássemos com os diamantes que supostamente são os melhores amigos das garotas. Eu devia ter trazido um cigarro para deixá-lo pendurado no canto da boca.

— Bem, pelo que eu cobro, é melhor aprender a confiar logo, porque o taxímetro está rodando.

— É que... — Bailey meneou os longos cíliose fixou o olhar na rachadura do forro da mesa. — É o meu marido.

Marido? Uma belezura daquela não conseguia segurar o marido? É de se fazer pensar na raça humana, especialmente na metade masculina. Mas eu já tinha trabalhado com vários casos de divórcio judicial. Esse tipo de investigação era o arroz com feijão dos detetives particulares e não envolvia perigo maior do que um dedo médio em riste de vez em quando. Esse tipo de caso nunca teria me rendido um pulmão cheio de aço fervente.

— Ele está enganando você? — Fui direto ao ponto, pois meu corpo poderia se dissolver a qualquer momento, e então alguma garçonete de nariz escorrendo iria vender seu testemunho para algum programa de ficção científica, e provavelmente tentar vender um roteiro de cinema ao mesmo tempo.

— Não é nada disso — respondeu, e lágrimas genuínas lhe escorreram pelo rosto. Lágrimas. Em Los Angeles. Quem poderia imaginar? Mas mulheres vertem lágrimas tão convenientemente quanto falam mentiras. Apenas homens choram de verdadee,acredite-me, costumamos fazer isso no escuro sempre que possível.

— O que é então? — Minha cabeça doía. Eu me sentia como se fosse morrer de novo a qualquer momento.

— É isso aqui — disse Bailey, puxando três fotografias da bolsa. Ela aguardou que a garçonete servisse o cappuccino para me empurrar as fotografias sobre a mesa. — Preciso saber onde ele conseguiu isso.

Olhei de relance para as fotos e ia perguntar a Bailey de qual "ele" se tratava, mas senti a cabeça rodar. Meu estômago se revirou e meus pés ficaram dormentes. Minha conta estava começando a vencer.

— Tenho que ir. Vou levar essas comigo e entro em contato mais tarde. — Enfiei as fotos no bolso, me levantei e corri para a porta. *Yuppies* arrumadinhos e atores aspirantes me encararam de suas mesas. Eu me senti como uma pilha de roupas.

Enquanto eu pelejava para abrir a porta de entrada, Bailey gritou de longe:

— Eu te amo, Richard! Encontro você no lugar de sempre? — Achei que eu tivesse ouvido errado no pânico de sair logo, ainda mais quea frase "eu te amo" só agravava o desespero. Mas então ela continuou, em alto e bom som: — A Lee não vai conseguir separar a gente!

Saí cambaleando e não sei se foi pela porta ou através da porta. Só espero que eu já estivesse nas sombras quando meu corpo se dissolveu, mas issosó o bêbado que mora no beco atrás do meu prédio saberia dizer.

***

CAPÍTULO 4.

Eu não estava a fim de ficar no meu quarto vendo meu corpo se decompor. Fiquei no fundo do poço do elevador. Havia todo tipo de detrito ali: algumas camisinhas usadas e garrafas de bebida, uns metros de cabo de aço de reserva, um chapéu masculino e um ursinho de pelúcia. Ursinho de pelúcia! Passei uns quinze minutos enfiando a mão por dentro do enchimento e trazendo o brinquedo à vida com dancinhas engraçadas.

Finalmente, minha cabeça desanuviou. Ao brincar de fantoche com o ursinho, aprendi uma das regras da existência fantasmagórica: me tornar sólido exigia muita força de vontade, e quanto mais eu pensasse durante esse estado corpóreo, menor ficava a carga da minha bateria metafísica. Por isso meu encontro com Bailey DeBussey durou apenas alguns minutos: ela estava sobrecarregando meus poderes dedutivos, ao mesmo tempo em que disparava algumas fantasias sexuais profundas e claramente ofensivas.

Outra coisa que descobri foi que os objetos que eu carregava, como as fotografias e as minhas roupas, pareciam compartilhar do meu estado etéreo, pois também atravessavam paredes. Cheguei a jogar o ursinho através da parede algumas vezes, mas isso me custou muita força de vontade. Acho que, quanto maior o objeto, mais difícil era transformá-lo em fantasma.

Examinei as fotografias. À primeira vista, nada demais. Duas mostravam Bailey e um homem desconhecido na praia, com o píer de Santa Mônica no fundo. Biquínis caíam tão bem em Bailey quanto vestidos com estampa de leopardo, talvez até melhor. O cara a seu lado parecia um figurante de dramalhão de TV ambientado na Califórnia, todo empertigado com seu cabelo cheio de gel e bíceps do tamanho de um abacate. Sua expressão era a mesma em ambas as fotos, aquele sorriso de dois milhões de dólares.

Na terceira foto, Bailey estava num barco de pesca, daqueles que ricaços alugavam por uma tarde para encher a cara à vontade. Um homem grisalho, vestindo chapéu de capitão e camisa de malha de mangas curtas, estava com o braço em torno dela, a mão cerrada num abraço de camaradinhas. A Golden Gate aparecia esmaecida ao longe e o *S.S. Lady Slipper* estava emoldurado peloarco da ponte.

O que tudo aquilo teria a ver com Lee? Porque Bailey a havia mencionado em voz alta, para todo mundo ouvir? E que palhaçada era aquela de me amar? Será que ela estava armando alguma para mim? Ela não deveria saber nada sobre a Diana. Talvez soubesse que minha mulher havia cometido suicídio, mas certamente não saberia da parte de voltar do mundo dos mortos e beber *espresso* em uma golada só a cinco metros de onde estávamos sentados.

Revivi o cenário do café na cabeça. Um casal gay na mesa do canto, o punkde calça jeans larga e skate na mão, a garota de cabelo castanho sem graça carregando o livro de Kurt Vonnegut para que todos ficassem impressionados com sua inteligência. Foi então que alguma coisa me chamou a atenção. No banquinho do canto estava sentada uma mulher vestida com um *trench coat* fechado até as orelhas. Eu não lhe dei muita atenção, porque ali, tão perto de Hollywood, todo mundo era ator, pornógrafo, roteirista ou qualquer imagem esquizofrênica que sua imaginação permitisse.

Entretanto, agora eu lembrava que ela havia tomado o café quentíssimo como se fosse limonada, num gole só, e suspirado com um ar de satisfação, sem qualquer vapor ou expressão de dor. Como se ela tivesse absorvido o calor. Fiquei me perguntando se havia alguma roupa sob o *trench coat*, porque o pedacinho de cabelo que aparecia era ondulado e escuro — igualzinho ao estilo que Diana havia adotado no pós-vida.

Não. Eu a teria reconhecido pelos trejeitos. Quando se conhece alguém, depois que você dormejunto, observa e abraça, quandopermite que alguém entre um pouquinho na sua alma, é possível conhecertodos os gestos, a forma de mexer os dedos, de se inclinar ao sentar. Aquela não era a Diana.

Mas as pessoas mudam. E a morte era a maior mudança de todas. Se fosse mesmo a Diana, ela tinha se disfarçado muito bem. Mas jamais ficaria quieta enquanto eu conversava com uma mulher bonita. Aquilo era o tipo de situação que, quando éramos casados, teria incendiado sua natureza ciumenta. Ela teria jogado café quente em cima de nós, virado a mesa e tentado me furar com a faca de manteiga. E, após esse aquecimento, teria acabado com a gente. A julgar pelo nosso encontro na outra vida, acho que ela não tinha deixado para trás esse defeito de caráter.

Fui acender um cigarro, mas achei melhor não misturar a fumaça do tabaco com a minha fumaça. Examinei as fotos até ficar com a cabeça cansada. Quem diria que fantasmas ficam cansados, não é? Talvez isso

fosse parte do teste. Ora, se virar fantasma fosse fácil, todo mundo faria isso.

Na verdade, eu não sabia por que não havia encontrado outras almas penadas que também tivessem sendo mandadas de volta para cumprir suas missões. Nem por um segundo pensei que estivesse recebendo tratamento especial dos deuses. Talvez um fantasma não conseguisse ver o outro. No dia a dia, as pessoas se cruzavam em total apatia e ignorância do outro, como fantasmas em vida. Em certa medida, nós construímos nossa realidade enquanto respiramos; por que isso seria diferente na morte?

Acho que acabei cochilando, apesar da desagradável barulheira do elevador. Quando dei por mim, minha cabeça estava leve e percebi que havia cometido meu primeiro erro. Eu deveria ter voado até o Hollywood Hype enquanto o rastro do assassino ainda estava fresco. Àquela altura, os policiais já teriam coletado todas as digitais, recolhido as cápsulas das balas — se o matador tivesse sido burro o suficiente para deixá-las lá, e provavelmente estariam tentando entender por que e quando os tiros foram disparados. Não haviam descoberto o corpo ainda, então por enquanto ainda não se tratava de uma investigação de assassinato.Menos para mim.

Repassei mentalmente os casos em que estava trabalhando na época da minha morte: alguns golpes do seguro, pais delinquentes, pequenas fraudes como atendente entediado roubando dinheiro trocado da caixa registradora. Nada grande o suficiente para justificar um assassinato. Um caso de desaparecimento: uma moça da Dakota do Norte que havia fugido de casa para tentar a sorte no cinema. Esse, então, era um caso de prioridade mínima. Mesmo que fosse encontrada, ela não acreditaria quando eu lhe dissesse que os únicos filmes que poderia estrelar são do tipo que custa quatro dólares por espiada.

Aparentemente, nenhum dos meus arquivos continha qualquer ligação com esse caso. Então, por que alguém me ligaria à remota possibilidade de ajudar Bailey DeBussey? Afinal de contas, havia mais detetives particulares na cidade, mesmo que eu fosse um dos melhores.

Bem, para que continuar mentindo, não é mesmo? Em minha nova existência, a honestidade era a melhor política, infelizmente. Na verdade, eu era bem medíocre. Sam Spade, pode descansar em paz, onde quer que você esteja no cemitério de personagens no céu.

Como de costume, pensar não estava me levando a lugar algum. Insisti mais alguns minutos nas fotos e parti para o Hollywood Hype. Talvez a

polícia tivesse deixado escapar alguma coisa. Talvez nem isso. A polícia era tão medíocre quanto eu e, naquela época do ano tão encantadora, a cabeça de todos os mortais estava cheia com sugestões de presentes e *jingles* de lojas.

Flutuar é muito esquisito. No cinema, era sempre algo gracioso, com o fantasma zanzandopor aí, todo vaporoso e melancólico. Flutuar exige um tipo especial de força de vontade, que de certa forma demanda muito mais do que malhar os músculos da perna. Eu também não conseguia abandonar o velho hábito de esperar para atravessar a rua. Perdi uns dois minutos até perceber que poderia atravessar táxis, limusines, ônibus de excursão, carros tunados e mendigos empurrando carrinhos de supermercado.

O saguão do Hollywood Hype era cavernoso e mofado, e a recepção estava enfeitada com uma fileira de meias de Natal desbotadas. A TV exibia o filme *A Felicidade Não se Compra*. Eu queria dizer ao James Stewart que a única diferença entre viver e morrer era o tamanho da conta do cartão de crédito. Mas esse era o pensamento do meu antigo eu, bem cínico. O novo, morto e cheio de esperança, continuava tentando acertar.

Eu poderia ter simplesmente flutuado até o segundo andar, mas subi pela escadaria, numa imitação do cenário de *E o Vento Levou* por onde Clark Gable carregou Vivian Leigh. O restante do hotel era simplesmente brega. Havia estrelas pintadas pelos corredores, como as do Hollywood Boulevard, mas estavam tão desgastadas que era impossível ler os nomes nelas. As paredes estavam repletas de pôsteres de cinema e *memorabilia*que definitivamente não haviam sido licenciadas pelos estúdios.

Conferi todos os quartos com janelas voltadas para meu prédio. No primeiro, os lençóis se mexiam tanto que, a princípio, achei que havia topado com outro fantasma. Logo percebi, no entanto, que se tratava de um casal. Só sou *voyeur* quando me pagam para isso, então só dei uma rápida olhada no peitoril da janela à procura de qualquer resíduo ou marca. Nada.

O segundo e o terceiro quartos estavam vazios, embora as malas sobre as camas indicassem a presença de hóspedes recém-chegados. Também não havia gente no quarto apartamento, sinalizado com fita amarela que indicava a cena do crime. Por que não pensei em procurar isso? A verdade é que meu cérebro ficava cada vez mais confuso conforme o tempo passava. Se não resolvesse o caso logo, eu não conseguiria nem acompanhar meu próprio funeral. O alzheimer pós-morte era brabeira.

Vasculhei o quarto, mas não encontrei nada de importante. A polícia havia passado o pente fino ali. Eles haviam recolhido até mesmo o chocolatinho sobre o travesseiro, mas suspeito que ele não chegou à perícia. Eu já ia voltando para o poço do elevador quando reparei no espelho.

Eu não estava querendo me admirar, pois materializar minha cara consumiria muita força de vontade. O fato é que o espelho do guarda-roupa havia sido cuidadosamente posicionado de forma a dar visão perfeita do meu quarto a partir da escrivaninha. O assassino pode ter me vigiado por semanas. Sendo assim, por que aguardar até logo antes do meu encontro com Bailey para puxar o gatilho? Talvez isso fosse mera coincidência, uma dessas cortinas de fumaça que a vida gosta de lançar para nos confundir.

Se meu assassino estivesse mesmo me observando, ele sabia que eu era um homem de hábitos. Quando marcava algum encontro, eu jamais chegava cedo. Tentava regular meu horário de forma que a pessoa estivesse olhando para o relógio na hora em que eu aparecesse. Isso lhe dá alguma vantagem sobre o outro, na minha opinião.

Voei apressado para a recepção e acabei tropeçando numas caixas do almoxarifado. Quando a recepcionista correu do balcão para ver o que estava acontecendo, materializei minhas mãos o suficiente para folhear o livro de registro de hóspedes. O quarto 217 havia sido ocupado por um tal de Raymond Chandler. Putz, o assassino era um maldito de um engraçadinho.

O nome podia ser falso, mas pelo menos descobri que o quarto tinha sido alugado dois dias antes da minha morte. “Chandler” pagou adiantado, em dinheiro,por uma semana de hospedagem. A polícia certamente tinha essa informação e com certeza estava procurando bandidos com esse apelido em seus registros, mas ainda não tinha um corpo.

Lembrei de uma das gracinhas de Lee, algo que ela sussurrava no meu ouvido debaixo dos lençóis, enquanto nosso suor secava.

— *Habeas corpus*, meu bem. Você tem o corpo.

Como ela conseguia fazer um termo jurídico soar tão sensual? Eu daria tudo por mais uma noite de seus sussurros.

Lee. Será que eu a veria novamente? Eu receava não conseguir atravessar a cidade para vê-la, não com a bateria da minha alma acabando. Eu ainda não tinha conseguido nenhuma pistae meu tempo estava acabando. Eu estava no fundo do poço, tão fundo que apenas outro defunto poderia me entender. E às vezes fica bem escuro aqui embaixo.

Sentindo meu estoque de esperança exaurido, flutuei de volta para meu apartamento.

***

CAPÍTULO 5.

— Onde é que você estava? —Ralhou Diana assim que eu entrei. Como nos velhos tempos.

Ela me esperava no quarto. Como nos velhos tempos.

— Em nenhum lugar — respondi, flutuando na sala.

— Todo mundo está em algum lugar. Quem era aquela mulher na cafeteria?

— Ninguém relevante.

— Aquela ali era bem relevante. Sutiã tamanho 48? Aposto que aqueles melões eram falsos.

— Nem reparei.

— Não venha de brincadeira comigo, Richard. Vem para cá agora.

— A casa é minha. Você não pode mandar em mim.

A nesga de sombra sob a porta do quarto se acendeu em chamas cor de laranja e um vapor sulfúrico se infiltrou pela abertura.

— Eu disse venha para cá agora.

Putamerda. Nunca se case com alguém de Leão.

Abri a porta em vez de atravessá-la, temendo o inevitável. Ela estava deitada na cama, nua, deslumbrante com seus peitos grandes, emitindo sua própria luz de velas. Uma das pernas, estendida, parecia ser tão longa quanto a cama. A outra estava inclinada num arco provocativo.

— Ela é tão gostosa quanto eu? — Ronronou Diana.

Desviei o olhar. Foi difícil, mas aquela pele marmorizada, causada pelo envenenamento por monóxido de carbono, era um baita de um corta clima.

— Aquela mulher do retrato — continuou em tom baixo e provocador —, sobre a nossa televisão. Ela faz aquilo de que você gosta?

Aquilo de que eu gosto. Quando se é íntimo de alguém por um longo tempo, você fica vulnerável e aos poucos releva seus desejos verdadeiros. Você deixa o outro tentar coisas que nunca aconteceriam em noites de sexo casual. Você tira suas fantasias da cabeça e as joga no playground do amor.

Assim, nos seus namoros seguintes, não dá para esperar que a nova pessoa caia dentro da refeição completa. É preciso provar do bufê, conhecer o menu inteiro, beliscando cada quitute para saber qual é mais gostoso. Não

dá para sair dizendo “bem, minha última namorada fazia isso, que tal fazer também?”

Geralmente é um saco, mas, às vezes, não.

Diana, com todos os defeitos, era boa em alguns aspectos. Ela sabia como servir a sobremesa. Não resisti e lambi os beiços, que estavam rachados por causa do calor que fazia no quarto.

— Estou morrendo de saudade — gemeu Diana, esticando a última sílaba. Ela abriu as pernas e projetou os quadris para a frente. Juro: um tufo de vapor se levantou. Levantei a mão para desapertar a gravada ou me estrangular.

— Isso não está certo.

— Para mim parece muito certo — retrucou ela, baixando a mão para brincar.

— Chega! Não posso...

— Deixa disso, meu bem. Sou sua mulher.

— Não, o casamento acabou.

— Isso é tudo seu. Tudo seu. E ninguém consegue pegar do jeito que você pegava.

Droga. Ela estava atacando meu orgulho masculino. Diana sabia exatamente como jogar comigo. Meus dedos afrouxaram a gravata e me vi mexendo nos botões da camisa.

— Isso não é traição — continuou Diana. — Você não fez nenhuma promessa.

— Não é traição — repeti, feliz porque a foto de Lee estava na sala. Eu não queria que ela ficasse me olhando, mesmo que aquilo fosse uma oportunidade para ela aprender uma ou outra coisa sobre mim. Muitas fantasias e muitas realidades.

Minhas calças escorregaram facilmente. Eu não olhei. Quando se está morto, você quer que tudo funcione como antes. Todas as partes. Eu não tinha muita certeza se estava sentindo alguma coisa. Impossível sentir o coração palpitando quando ele não funciona.

Mas fui com tudo. Ela era Eva, Jezebel, Dalila, uma sereia, um súcubo, todas as tentações já imaginadas. Peito do tamanho certo para o meu desejo. Fruto proibido.

Fui ao encontro dela, nu, debruçado na cama, caindo sobre aquela carne fumegante, sem pensar em possíveis queimaduras.

Dei de cara com lençóis gelados. A gargalhada de Diana ecoou em cada canto do quarto:

— Imagine só o que Lee iria pensar!

Diana havia ganhado aquela rodada E havia acabado com minhas energias. Só me restava ficar jogado na cama, envergonhado e pensando na morte. Será que morrer realmente muda alguma coisa? Que toda tentativa de redenção seria inútil, que éramos destinados a repetir os mesmos erros em todas as voltas da roda do carma? Será que eu alcançaria alguma coisa além do fracasso?

Devo ter adormecido de novo, pois sonhei que havia desistido. Tomei o elevador até o alto do prédio, escalei a escada estreita que dava acesso ao telhado e olhei para as luzes da cidade lá embaixo. A cidade era como uma imensa árvore de Natal, repleta de luzes vermelhas, verdese prateadas piscantes. E todo aquele céu, os prédios avançando sobre o oceano Pacífico, as colinas arredondadas, o emaranhado de rodovias, tudo aquilo me fazia sentir perdido e pequeno.

Através da poluição e da neblina era possível vislumbrar o brilho de estrelas indistintas. Astros tão solitários e tão distantes, que só faziam aumentar minha insignificância. Por que resolver meu próprio assassinato se eu continuaria morto de qualquer forma? Por que eu era importante, se não passava de um fiapo de éter, um punhado de pó, um monte de pensamentos aleatórios? Se eu era uma lembrança na mente de poucos e morreria com eles?

Estava tão deprimido que tomei a única saída possível: pular.

Nunca pensei mais detidamente sobre suicídios, ainda mais depois do acontecido com Diana. Dediquei menos tempo ainda naqueles que tentam o suicídio repetidas vezes. Para mim, a síntese do perdedor é o cara tão desgraçado que fracassa até no fracasso final. E ali estava eu, pulando, um idiota voador. Mesmo com o vento assoviando no meu ouvido, eu continuava pensando em como aquilo seria impossível. Como se suicidar quando já se está morto? Meu segundo pensamento era “por que não estou flutuando?”, até que o chão de concreto me encontrou.

E assim, todos os pensamentos sumiram quando meus ossos etéreos se pulverizaram e me vi na Sala de Espera.

Desta vez, uma elegante mulher vestida de branco se sentou ao meu lado.

— Olá — cumprimentou-me, estendendo a mão, que tombou subitamente. Percebio rasgo vermelho em seu pulso e ela percebeu que eu estava encarando. — Ah, isso aí.

Desviei o olhar, tirei a poeira do paletó, vi se havia algum osso fora do lugar. Os buracos de bala continuavam iguais e agora o tecido do paletó estava puído. Aquilo me deixava com cara de detetive barato mais do que nunca. Ela continuou:

— Tem um cigarro, garotão?

Ela aparentava ter entre 30 e 300 anos, e imagino quantas vezes havia passado pela sala de espera.

Apontei para a placa de "proibido fumar" e dei de ombros:

— Regras.

— Nem me fale. Regras, regras, regras. Não dá para escapar delas, não importa onde se vá.

— Você está morta há muito tempo?

Acho que ela entendeu a pergunta como uma cantada, porque inclinou a cabeça e fez charminho.

— Tempo bastante para saber das coisas, mas não o suficiente para ficar entediada.

Antes que eu conseguisse traduzir a fala da moça para a minha língua, o alto-falante disparou um ruído de estática. Era a voz da minha assistente social, Madame Titanic, que parecia alegremente aborrecida:

— Steele, seu patético, entre aqui imediatamente.

Cumprimentei minha colega de sofá sem autoestima e me dirigi ao corredor. Mal entrei pela porta do escritório e fui bombardeado:

— Richard Stanley Steele. Eu pedi a Deus para nunca mais ter que ver essa sua cara outra vez. Fiz meu discurso de incentivo e expliquei tudo direitinho, mostrei os benefícios do sacrifício e da fé, e mesmo assim você volta se arrastando pela porta que só deveria se abrir uma vez!

As pilhas de papel pela escrivaninha haviam aumentado. Ela tinha que ficar de pé para me espiar. Eu me encolhi na cadeira como um estudante de terceira série que chega atrasado.

— Já não é bom ser assassinado.Equandovocê se mata... — continuou ela, pontuando as últimas palavras com socos na mesa.

Lee. O que a Lee iria pensar se descobrisse que eu era covarde demais para me levantar e continuar lutando? Ou que tive um momento de fraqueza

com a pessoa que eumais odiava? Mesmosem ter mordido a maçã,eu subi na árvore.

Minha assistente social deve ter lido a expressão da minha cara:

— É isso mesmo. Você não sabe nada de sacrifício. Você não passa de um egoísta de m... — exclamou ela, detendo-se logo depois e fazendo um rápido gesto com as mãos que poderia ser oriundo de alguma religião oriental obscura.

Eu já não tinha medo de passar uma eternidade inteira com a Diana, um círculo infinito de ataques e desculpas. Eu tinha medo é que o Inferno fosse um carrossel de culpa, um infinito caso de desaparecimento em aberto, em que o sumido não existe.

— Me desculpe — sussurrei.

— "Desculpe". Tenha santa paciência, Steele. Você é uma figurinha difícil. — A assistente social estava com meu arquivo na mão, que estava bem mais grosso. — Agora tem adendo em cima de memorando em cima de referência cruzada. Você achaque é o único palhaço do mundo que tento empurrar para a frente?

— Não senhora. — Eu estava arrasado. Não sobrou nada. Não restou nem o sarcasmo. Eles provavelmente iriam confiscar minha licença de detetive e me mandar de volta para a escola *noir* para aprender a soltar frases de efeito cínicas de novo.

Madame Titanic suspirou profundamente e se sentou.

— A sua sorte é que eu gosto de você. Então, como é que é?

— Estou morto ainda, até onde eu sei.

— Que mais? O que diabos você está fazendo aqui de novo?Você tem que voltar para lá, para onde possa fazer o bem. Isso se "bem" constar no seu vocabulário...

— Fui bom uma ou duas vezes.

— É melhor que sejam duas ou três vezes, entendeu? Porque aposto que tem alguém lá em que vale a pena acreditar. Dá paraver nos seus olhos, Steele.

— Eu não estava chegando a lugar algum. Só tinha beco sem saída.

— Bobagem. Volte ao início. O que aconteceu primeiro?

— Acho que tudo começou com o bilhete.

— Você acha? Não me admira que você só cobrasse cem mangos por dia, mais despesas. Um detetive particular tem que deduzir, não supor.

— O bilhete, então. Alguém enfiou ele por debaixoda porta.

— Quem?

— Talvez a pessoa que atirou em mim.

— Então por que não simplesmente bater na porta, esperar que você atendesse e atirar?

— Complicações do enredo? Enganar a polícia? Me enganar?

— Isso mesmo. Nunca é a resposta óbvia. Quem mais?

— Bem, quem mandou o bilhete foi a Bailey DeBussey, eu acho.

— Bailey DeBussey. DeBussey. — Madame Titanic foi até o arquivo, vasculhou os papéis por alguns instantes e então puxou uma pasta fina. Abriu a pasta e assoviou — bonita.

— Já vi piores.

Ela fechou a pasta e a botou de volta no lugar em meio ao caos do universo.

— Então por que a Bailey iria marcar de te encontrar exatamente na mesma hora em que você levou bala?

— O assassino devia estar sabendo do bilhete.

— Santo Cristo! Steele, você é tão rápido no gatilho que talvez a gente te reencarne como um Billy the Kid pós-moderno.

— Ela deve estar envolvida, então. Armou uma bela duma cena na cafeteria.

— E você achando que ela estava ali por causa dos seus belos olhos.

— Ei, a Lee gosta de mim do jeito que eu sou e... — reagi, levantando-me da cadeira. A assistente social se recostou na cadeira e sorriu.

— Arrá! Sabia que tinha alguém lá embaixo por quem vale a pena lutar.

Fui pego. O pior do amor verdadeiro, aquele que você sente no corpo e na alma, é que não dá para mantê-lo em segredo. É possível esconder nomes, lugares, mas há algo de diferente dentro de você que explode quando menos se espera, uma luz que não dá para esconder. Nem de si mesmo, a pessoa que costuma ser a mais fácil de se enganar.

Madame Titanic remexeu numa gaveta debaixo da mesa e puxou uma folha de papel.

— Preencha isso aqui. Formulário 3716, extensão de prazo. Anula a punição por ter cometido suicídio pós-morte. E não deixe que ninguém descubra que eu lhe fiz um favor. As notícias correm rápido por aqui e nenhuma boa ação escapa incólume.

Preenchi a papelada de forma atrapalhada. Quando acabei, a escrevente comentou:

— Vejo mais alguma coisa em seus olhos, Steele.

— O quê?

— Aquela coisa de que você está fugindo.

— Já superei isso.

— É mesmo? Pois parece o tipo de peso morto que vira uma âncora num lago de lava.

— É problema meu, não seu.

— Tudo bem. É bom que não vire problema meu mesmo. Tenho que desatar esse nó aqui, senão também não vou para a frente, e eu quero tirar meu belo corpinho daqui e encontrar cincopessoas no céu.

— Parece que você está destinada ao grande Clube do Livro Celeste da Oprah Winfrey.

— É melhor que aprender a tocar harpa.

— Ei, espera aí. Achei que você fosse judia.

Ela deu de ombros.

— Em algum momento eu disse que isso aqui tinha alguma lσgica? Se soubιssemos o que estamos fazendo, a vida nγo teria sentido.

Madame Titanic se despediu com um aceno, indicando a porta, e voltou ao emaranhado de papéis da escrivaninha. Nem perguntei onde era a saída. Certamente haveria alguma placa indicando o caminho. Descobri que Deus tinha um grande senso de humor, apesar de ser um canalhasem coração.

***

CAPÍTULO 6.

A sala de espera estava vazia. A mulher de branco não estava mais lá. É possível que tivesse sido arrastada para fazer o bem em alguma missão. No fundo da sala havia uma porta, mas a placa sobre ela dizia “Apenas para Saída de Emergência”.O que eles poderiam fazer, me aplicar uma multa? Condenar à pena de morte?

Abri a porta e dei um passo para fora, esperando ver estrelinhas cafonas. Mas me vi sobre um rio de lava borbulhante, tentando me equilibrar. Afundei até a cintura naquele pântano fervente e o calor tostou minhas sobrancelhas. O ar estava muito quente, mas a lava em si estava fria, pegajosa como lama de esgoto e tão fedorenta quanto.

O rio corria em direção a uma caverna escura que bocejavacomo um bêbado num fim de tarde. Será que eu estava no caminho certo? Será que, por causa do meu deslize, eu agora teria que voltar para casa pelo caminho mais difícil?

Foi bem mais difícil do que eu esperava.

— Venha para cá — rugiu uma voz — agora!

Diana. Voltei-me para trás, tentando desesperadamente voltar para a sala de espera. Mas a esta altura você já sabe como é que as coisas funcionam por aqui: a saída de emergência havia se transformado numa parede de vidrocraquelado, que se multiplicava em milhares de reflexos prateados. Em cada fragmento, eu me via multiplicado e, atrás de cada “eu”, uma legião de escorpiões — algo que é risível em filmes B de ficção científica, mas não tão divertido quando as criaturas estão indo em sua direção com os ferrões se agitando ao ar.Ferrões cheios de veneno.

Resolvi encarar a fúria dela:

— Este casamento acabou!

Mais gargalhadas, o crepitar de labaredas, o estalo de um chicote açoitando o ar.

— Você me deve uma!

— Eu já pedi desculpas!

Diana me imitou em falsete e o deboche mais desconcertante veio dos lábios dos escorpiões. Isso se os aracnídeos tivessem lábios.

— Desculpas, desculpas, desculpas. Se eu ganhasse uma conta de rosário a cada vez que ouvisse essa palavra... eu rezaria tanto que sairia daqui.

Mas eu tinha a sensação de que ela não queria sair dali. Tem gente que é masoquista, gosta de punição, é viciada em desgraça. Ela casou comigo, oras.

— Não tenho com o que lhe pagar! — Lá na Terra, sempre que eu fazia alguma coisa errada, Diana pedia uma compensação bem comercial. Chegar tarde em casa valia um buquê de flores, mentiras descaradas custavam chocolates Godiva e transgressões maiores exigiam quebrar o cofrinho e bancar badulaques brilhantes. Eu sabiamentir muito bem naquela época, então a loja de bombonsnão costumava ver a cor do meu dinheiro. Mas quando veio minha primeira amante, Diana ficou bastante satisfeita com uns brincos de rubi, ainda mais porque tive que virar noites por três meses, trabalhando como garçom, para pagá-los. Se a punição foi compatível com o crime, nuncaconsegui ver.

— Quero receber o que é meu.

A lava fluía por entre meus tornozelos e logo subiu até minhas pernas. O calor começou a incomodar. Ao chegar na altura da cintura, a torrente subitamente esfriou e endureceu. Eu não podia fugir. Fiquei nas mãos de Diana, como sempre.

— Não tenho muito a oferecer — argumentei.

—Não estou nem aí se eu perder ou ganhar, contanto que você perca.

— Olha só, estou lutando para corrigir o passado. Sei que cometi erros, mas tudo o que posso fazer agora é pagar o preço e seguir em frente.

— Richard.

Levantei as mãos para cima, no gesto universal de rendição.

— É o melhor que posso fazer.

— Como sempre uma decepção.

— Sim, querida.

— Você não entendeu nada. Não estou nem aí se você pular dessa roda gigante do carma e cair de cabeça no chão. Mas você jamais terá Lee.

A raiva me subiu com facilidade, uma indignação virtuosa, o único tipo de virtude que eu conhecia.

— Fique longe dela! Ela não tem nada a ver com você.

Sua línguabifurcada estalava por entre o sorriso:

— Estou em uma cruzada.

Diana cintilava e o ar à sua volta reluzia como joias de gelo pendendo de finíssimos fios azuis.

— Viva e deixe morrer. — Ela sorriu de novoe logo desapareceu nas brumas, os olhos como um cemitério ártico.

Fechei os olhos e contraí os músculos contra a lava endurecida, rompendo com a vontade a maior prisão da minha vida eterna.

***

CAPÍTULO 7.

Respirei no vazio e abri os olhos. Lá estava eu de volta à entrada do meu prédio. Deixei que meus dedos me levassem para perto do telefone daportaria. Bailey morava em uma dessas ruas chiques nas colinas abaixo da grande placa que grita Hollywood. Flutuei até lá. A arquitetura da casa tinha inspiração marroquino-mediterrânea, com muita cerâmica e buganvílias escalando por todo lado. Devia valer só meio milhão. Ela que esperasse a minha conta. Eu era conhecido por dar o preço conforme o cacife do cliente.

A noite estava começando a cair quando terminei de dar uma olhada no lugar. Bailey estava largada na banheira, vestindo apenas bolhas de sabão.Ela ouvia uma versão de *Jingle Bells* gravada com latidos de cães, o que definitivamente não era música de relaxamento. Deixei-a com seu champanhe e seu balde de gelo, e notei que havia duas taças ao lado da banheira.

Nada me despertou muito interesse, exceto as fotografias penduradas na sala íntima. Bailey aparecia em uma delas, ao lado do capitão de barco grisalho da foto que vi na cafeteria. Logo acima, um retrato em preto e branco de uma atriz de cujo nome não me lembro: penteado anos 60, fio de pérolas, decote vertiginosoe maçãs do rostofortes como as de Bailey.

Um Fiat parou em frente à casa, com a capota arriada e o gostosão das fotos todo sorrisos em seus óculos de sol. Ele entrou sem ser anunciado e foi direto para a banheira. Fiquei colado nele, como um detetive bem indiscreto.

— Deu certo —comentou o homenzarrão —, até agora.

Bailey lhe jogou um espirro d'água com o pé.

— Eu disse que ia dar.

— Espera aí, a ideia foi minha.

— Pode deixar que eu conto isso para os policiais, se eles nos pegarem.

O gostosão tirouos óculos de sol, e depois o resto das roupas. Entrou na banheira e abriu a garrafa de champanhe.

— Ao futuro!

— Oito milhões! — exclamou Bailey, sonhadora. — Acapulco ou Riviera Francesa?

— Temos que ficar aqui até a poeira baixar.

— Não tem problema algum. Você tem um bom advogado. — Ela riu assustadoramente.

— Daqui a pouco vão encontrar o corpo de Steele. Mas é um risco que tivemos que assumir. Não poderíamos deixar que o namoradinho da Lee descobrisse que ela estava para herdar uma fortuna.

Fortuna? A Lee não poderia ser herdeira de nada. Ela era órfã. Pelo menos foi a história que ela me contou. Abracei-a nas noites em que ela chorou por não saber de nada, pela falta de raízes, por causa do grande vazio de sua infância. Eu até uma vez investiguei a história, tentei rastrear seus parentes, mas não tive muita sorte.

— Você acha que eu consigo parecer de luto no enterro da Lee? — Perguntou Bailey, sorvendo o champanhe.

— Você faz qualquer coisa por grana. E aquele bilhetinho de amor foi um golpe de mestre. Sem impressões digitais, certo?

— Fizemos tudo com luvas, menos quando eu tirei a roupa no apartamento do Steele.

— Espero que nosso camarada não tenha encostado em nada — disse o cara, com o rosto suado e o gel do cabelo derretendo.

— O que foi, está com ciúme? Ele só tirou as fotos.

— Bem, digamos que você tem talento natural para o papel da "outra". Então, você plantou as fotografias?

— Sim, estão no bolso do Steele, bem na cara da polícia. A que você tirou também, atrás do prédio. — Bailey estava ficando cada vez menos atraente, ou talvez fosse a presença do Sr. Charmoso.

— A Lee vai se sentir tão culpada com o que fez que ninguém vai ficar surpreso. O ciúme provoca reações estranhas nas pessoas...

— É, deu para perceber. Pagou o cara?

— O "Richard Chandler"? Aposto que os policiais adoraram essa.Deixei o pagamento assim que ele se livrou do rifle. — O cara balançou a cabeça, derramando suor do cabelo. — O mais extraordinário é que ele disse que apagou o Steele às quatro horas.

Bailey se sentou. A maldita havia acabado com toda a graça de se ver uma mulher pelada.

— Mas só pode ter sido no mínimo às quatro e quinze, depois de o Steele voltar para o apartamento. E o "Chandler" me encontrou lá às quatro e meia.

O machão deu de ombros e ironizou:

— Ele agora tem dinheiro suficiente para comprar um relógio decente. Alguém viu você entrar no quarto do Steele?

— Fui praticamente invisível.

O cara beijou Bailey, que riu. Ele apoiou a taça de champanhe na bancada e foi para cima dela. Saí de perto antes que a cena ficasse nojenta.

***

CAPÍTULO 8.

Meu apartamento estava sufocante de tão quieto. O sangue derramado nochão havia coagulado. Meu corpo estava fedendo. Minha carne estava mais fria que o coração de um advogado.

Olhei para a secretária eletrônica. Nenhuma ligação. Se a Bailey tivesse armado para que Lee pensasse que eu tinha outra mulher, Lee já teria telefonado. Ela não era exatamente ciumenta. Só gostava de saber para que lado o vento sopra.

Eu não queria encontrar a Leenaquele momento. Seria muito desgastante. Eu provavelmente gastaria toda minha energia emocional com o sofrimento que a visão dela me provocaria. Minha bateria já estava baixa. Eu teria que confiar na sua capacidade de cuidar de si mesma. Passei a noite no poço do elevador.

Sabe com o que os mortos sonham?

Eles sonham que estão vivos.

Acordei com uma confusão. Flutuei até o meu andar e cruzei o corredor.A polícia havia descoberto meu corpo. O zelador deve ter sentido o cheiro e achado que a privada estava entupida de novo.

Os policiais se dividiram como o Mar Vermelho diante de Moisés quando um sujeito parrudo entrou. Tenente Lars Uhlgren. O esquadrão o chamava de Lars Ogro, mas só pelas costas. Seu rosto parecia ser capaz de martelar pregos na parede. Seus olhos eram como bueiros transbordando de esgoto.

— A porta não estava trancada, tenente. O corpo está duro. Morto há um dia, talvez menos.

Uhlgren passou direto pelo cadáver.

— Agora sabemos o que foram aqueles tiros no Hype. O que temos aqui? — Perguntou para um perito com cara de rato, que segurava um saco plástico.

— Desencavei uns projéteis da parede, senhor.Estavam encravados no pilar de concreto.

Uhlgren deu uma olhada nas balas, que estavam dentro do saco plástico.

— E tem gente que não acredita no Natal. Mande isso para o pessoal da balística.

O Ratinho fez que sim com a cabeça e saiu correndo. Eu já havia trabalhado com o Uhlgren e também havia aprendido a correr quando ele latia. Estava feliz por ele estar no caso, pois sua média de assassinatos resolvidos era alta.

Foi então que me lembrei de que deveria resolver o caso sozinho. Eu não podia contar com qualquer intervenção humana e meu estoque de intervenção divina estava acabando. Mas eu tinha tanto direito de estar no apartamento quanto a polícia. Paguei o aluguel adiantado. Assim, grudei no Uhlgren.

O grandão calçou luvas de borracha e vasculhou meus bolsos. A porta se abriue a lufada de vento me desequilibrou, fazendo com que eu caísse sobre ele. Não sobre ele, mas dentro dele, que sentiu um calafrioe olhou em volta, desconfiado.

Flutuei para trás, estupefato com o que vi. Duas fotos da Bailey, nua, o rosto escondido mas os peitos facilmente reconhecíveis, deitada sedutoramente na minha cama. A outra foto era de nós dois de mãos dadas, tirada quando seguíamos para a cafeteria. Pela nossa postura, a cena dava a impressão de que éramos amantes saindo às escondidas para um encontro. Obviamente aquela foto não estava no meu bolso no momento em que morri, pois Bailey estava acompanhada de um fantasma quandoa foto foi tirada.

— Hum... O Steele arrumou uma garota. Aquele ditado é verdadeiro, não é a beleza que atrai a mulher.

"Olha quem fala, Ogro", pensei.

Uhlgren percorreu a sala com os olhos e viu o retrato de Lee sobre a TV. Olhou para as fotos que tinhaem mãos e novamente para o porta-retrato.

— Duas modeletes? Assim eu perco de vez minha fé no romantismo.

O tenente entregou as fotos para um detetive, que parecia um Fred Astaire de quinta categoria.

— Vê algo de estranho? — Perguntou Uhlgren.

O Fred de Quinta levou as fotos para perto do rosto e meneou a cabeça:

— Não.

— As pernas do Steele.

— Parece que a foto está mal fotometrada.

Uhlgren sorriu, numa cena rara.

— Os malditos pés não estão tocando o chão.

— Talvez ele estivesse pulando de alegria. Eu bem estaria, com uma gostosa dessas do lado.

O tenente agachoude novo e seus joelhos estalaram. Enfiou a mão dentro do meu casaco para vasculhar o bolso da minha camisa, com a língua esticada no canto da boca, e apareceu com outro bilhete que eu não sabia que tinha. Uhlgren parecia um Houdini moderno. Na próxima,ele certamente tiraria um coelho ou um buquê de flores de cemitério.

Flutuei para a frente dele, que desdobrava o bilhete. Estava escrito em papel de rascunho: "Esquece ela, Richard, meu amor. E daí que ela ameaçou me matar? Ela não vai nos separar. Adorei a noite de ontem. Sempre sua, Bootsie."

Maravilha! Não conseguia me lembrar de ninguém que pudesse testemunhar que eu havia passado a noite anterior ao assassinato com um romance de James Herbert. Eu não tinha nem roncado alto o suficiente para acordar os vizinhos. Até onde os policiais sabiam, eu era um cachorrão infiel que eles invejariam, se não fosse o fato de que estavam vivos e meu corpo estava para receber uma etiqueta no dedão do pé.

É claro que eles conseguiriam entender tudo em algum momento, com todas as impressões digitais e os registros e as técnicas de interrogação que a polícia usava atualmente. E havia também o desdobramento óbvio envolvendo o autor da foto atrás do prédio. Mas eu não tinha tempo para aguardar todo o maquinário ultramoderno da polícia entrar em ação. Eu estaria a sete palmos em no máximo dois dias, com talvez um a mais para a autópsia.

— Quem será essa Bootsie? — Perguntou Uhlgren para ninguém, olhando a foto e o bilhete. Eu quase me materializei parafazer com que meus lábios se mexessem e falassem um endereço. Mas não tirei a diversão do tenente. Não me importava se o Uhlgren estivesse na pista certa ou não. Eu já tinha o que precisava.

Agora era preciso descobrir quem era o capitão grisalho. Ele era a ligação entre a Bailey e o cara que havia ventilado meu peito.

***

CAPÍTULO 9.

Logo antes do amanhecer, cheguei a São Francisco, lugar onde a neblina e a chuvacostumam cobrir seu corpo por inteiro e se infiltrar até o meio dos seus ossos. Mas, quando não se tem ossos, a friagem não chega a incomodar tanto.

Não há nada igual a ser um fantasma em meio à neblina. Flutuando de cais em cais, fui tomado por um sentimento que não conhecia, aquela paz cantada em *Noite Feliz*. Eu ficaria muito feliz em continuar flutuando para sempre, sujeito ao vaivém das marés e da brisa. Mas ainda havia dentro de mim uma sensação de vazio, uma dor e uma saudade que me mantinham na missão. A paz eterna não estaria completa sem a Lee.

Existem milhares de barcos em São Francisco. Passei por metade deles até encontrar o *Lady Slipper*. Minha expectativa era descobrir apenas o nome do capitão. Eu jamais esperaria a sorte de encontrá-lo dentro da cabine. À sua frente, uma garrafa de uísque pela metade, uma xícara de café frio, um telefone celular e um revólver. Ele chorava.

Das paredes de mogno pendiam fotografias emolduradas, placas comemorativas e certificados com o nome de Ron Wesmeyer.Um armário de troféus ocupava uma parede inteirae todo aquele prateado e aquele latão brilhavam mesmo na penumbra. Dois deles eram Oscars. Reparei em uma das fotografias: o jovem capitão posando ao lado de Natalie Wood. Bem que eu achei que ele parecia familiar. A foto logo abaixo me pareceu ser um retrato autografado de Spencer Tracy, mas não pude me deter nela por muito tempo.

O capitão havia pegado o revólver.

Suas mãos tremiam. Ele apertava os olhos com força e as pálpebras tremiam. Num gesto lento, aproximou a arma da cabeça. Eu conhecia o sentimento de escuridão que leva as pessoas a perder a razão. Mas agora eu sabia o verdadeiro valor da vida. Sabia o que era morrer cheio de arrependimentos. Aposto que o capitão tinha pelo menos um pesar.

Materializei meu corpo. Os olhos do capitão continuavam fechados.

— Não faça isso! —Exclamei. Minha cabeça palpitava com o esforçode encarnar.

O capitão arregalou os olhos subitamente e segurou a arma com mais força. Porum segundo, achei que ele iria estourar o miolos por causa do susto em me ver. Como eu me materializei muito rapidamente, nãofiz o trabalho direito. Fiquei meio leitoso, translúcido.

Boquiaberto, o capitão olhou em torno da cabine, estupefato. Terminei a transformação em corpo humano.

— Quem? O quê? — Gaguejou.

— Sou o fantasma dos Natais Futuros.

— Como é que você entrou aqui? — O capitão caiu sentado na cadeira. — A porta está trancada!

Estiquei as mãos à frente e remexi os dedos. Depois, os deixei invisíveis. Tentei fazê-los aparecer de novo, mas estava fraco. Entrei em pânico, pelejei, sofri um momento de indecisão. Ele apontou o revólver para o meu coração e atirou.

***

CAPÍTULO 10.

Desta vez, pulei a fase da Sala de Espera. Os altos falantes tocavam *Jingle Bell Rock* e comecei a achar que daquela vez eu havia ido direto para o Inferno. Madame Titanic estava em pé diante de mim, me olhando de cara feia.

— Steele, seu imbecil! De quantas segundas chances você vai precisar, seu infeliz?

— Desta vez não foi eu que me matei. Um cara atirou em mim — argumentei, enfiando o dedo no quinto buraco no meu paletó.

— Você é um café com leite, eu já lhe disse. Você tem proteções especiais, mas também tem responsabilidades especiais, como não se matar no meio do caminho.

— Eu não imaginava que os mortos também morrem. Ainda mais duas vezes.

— Estamos sempre morrendo, o tempo todo, infinitamente. Ainda não percebeu isso?

— Eu estava pensandoem outras coisas. Por que todas essas músicas de Natal horríveis?

—Damos oportunidades iguais aqui. Antes das canções natalinas, tivemos cânticos tibetanos, *HavaNaguila*, *Kumbaya* e um música que poderia passar como um hino dos unitaristas, se eles tivessem um. Mas isso não lhe diz respeito, porque você não acredita nisso. Aliás, você não acredita em nada.

— Eu acredito na Lee.

— É claro que sim. Tanto que você pulou do alto de um prédio e levou mais um tiro. E seu enterro vem aí, assim que acabarem a autópsia.

— Vou resolver isso. Pelo bem dela.

— Não. Faça isso por você. É a primeira lição do amor. Arrume sua própria alma antes de mexer com a dos outros.

Olhei para o relógio. Graças a Deus, *Jingle Bell Rock* havia terminado, e foi substituído por um canto tribal africano.

— Tenho que terminar essa tarefa, devo isso a Lee.

— Dá para ver. Tem que ter um pouquinho de fé, lembra?

— Estou começando a acreditar que existe um poder maior por trás de tudo. — Comentei isso não como um reconhecimento vazio visando conquistar alguns pontos com o cara do trono dourado. Aparentemente, eu estava recebendo todas as segundas chances necessárias e até aquele momento não havia feito muita coisa para provar que conseguia resolver meus problemas sozinho.

Porque eu não conseguia. Sempre fui muito teimoso e medroso para pedir ajuda.

— Bom garoto. Bastaram quarentas anos humanos e duas passagens pela burocracia pós-vida. Caramba, se a gente lhe desse mais algumas eternidades, você até poderia virar alguém.

— Que bom que você tem tanta fé me mim. — Levantei-me e me dirigi à porta. — É melhor correr. Se a Lee estiver envolvida nisso, o assassino pode estar pensando em se livrar dela também.

Madame Titanic me deteve.

— Não está esquecendo de nada? — Ironizou, mostrando-me três folhas de papel. — Cronograma X. Substitui o Formulário 3716. Três assinaturas em sangue e você está liberado.

CAPÍTULO 11.

Na cabine do barco, sorri para Wesmeyer, que estava curtindo o aroma de pólvora e da nova chance.

— Você não morreu — exclamou o capitão, sacudindo a cabeça e esfregando os olhos injetados.

— Todos morremos o tempo todo.

Wesmeyer olhou para a arma e então para mim.

— No meu caso, só quero antecipar as coisas.

— Não vale a pena se matar por nada — comentei. — Pode acreditar, eu sei.

— Quem é você? Quem é você de verdade? Porque você não é real. Você nem está aqui agora. — Wesmeyer encarava a garrafa de uísque como se eu fosse o gênio que mora nela.

— Sou um amigo.

— Amigo? Eu não tenho amigos. — O revólver estava com o tambor arriado, mas ainda apontava em minha direção.

— Com certeza existe alguém que gosta de você. Você tem família?

— Duas filhas — respondeu, a voz empastada pela bebida. — Uma eu perdi e a outra nunca tive.

— Você tem mais do que imagina. Dinheiro, prêmios, telefones de atrizes em discagem rápida. Você é um produtor que faz. *Areias Dançantes, Amor na Tarde, O Desfile Sutil*. Quem não gostaria de ser o grande Ron Wesmeyer?

— Eu queria era cair fora de Ron Wesmeyer —retrucou, balançando a arma perto da cabeça.

— Não seja um covarde. É claro que existe algo por que valha a pena viver. Algo além de você mesmo.

— Estraguei tudo. Não há mais esperança.

Senti-me sumindo, dissolvendo. Eu estava lutando para me segurar na existência. A raiva ajudou, e também a descoberta de que, ao resolver o problema de outra pessoa, eu estava encarando os meus.

— Escute bem, camarada — ameacei, me inclinando sobre a mesa para parecer intimidador. — Se houver uma chance de consertar as coisas, é melhor não deixar passar.

— Eu devo estar mais bêbado do que um agente, falando com um maldito fantasma — ironizou, mas baixou o revólver.

— Você já viu o filme *A Felicidade Não se Compra*?

— Fui o eletricista desse filme, mas não apareci nos créditos.

— E você foi subindo. Chegou ao topo, ou alto o suficiente para ser encoberto pelas nuvens.

— É mesmo? E daí? Isso não faz de mimum ser humano decente. Fracassei na única coisa que importa.

— Não saia do cinema antes dos créditos finais. Sempre dá para acertar a situação. Olha só para mim. Eu sou o maior especialista em *remakes* do mundo.

Wesmeyer deitou o revólver sobre a mesa e tomou uma golada do uísque.

— Quando eu escrever meu bilhete de suicídio, pelo menos vou poder dizer que sou maluco. O meu analista é um fantasma!

— Bem, dá para se aprender muito sobre a vida com um fantasma. — A frase era tão boa que ele iria acabar usando isso no próximo filme.

Ali estava um dos maiores produtores de cinema do mundo, reduzido a um poço de autopiedade. E eu me atrevendo a inspirá-lo.

— Fala comigo, Ron. Conte para mim uma história sincera e pelo menos morra sem esse peso nas costas, se é assim que vai ser.

Ele suspirou longamente, vazio como um homem com dedos dormentes e nada a perder.

— Minhas filhas. Quando eu estava batalhando para vencer na carreira, não queria saber de crianças no meu caminho. As duas são ilegítimas. Eu saí com um monte de mulheres naquela época. Hollywood nunca foi famosa por escolhas amorosas inteligentes.

— Tenho que me dissolver agora — interrompi —, mas isso não quer dizer que não esteja ouvindo. Se você acha que viver é um saco, talvez eu lhe conte minha história algum dia.

A matéria do meu corpo sumiu, deixando para trás apenas eu. Wesmeyer arregalou os olhos, mas tomou um trago do uísque e continuou:

— As mães abandonaram as meninas, as deixaram em orfanatos. Sempre pensei em procurá-las algum dia, ver o que se tornaram, talvez ajudá-las, se possível. Mas sabe como é. Eu estava sempre ocupado em fechar o próximo contrato. Então, uma das minhas filhas me achou.

— Bailey — interrompi, projetando a voz. Wesmeyer simplesmente concordou com a cabeça, já incapaz de se surpreender.

— Ela sabia da existência da minha outra filha. Ela também sabia que tenho uma fortuna de dez milhões de dólarese que o câncer atingiu meu fígado e tomou meu intestino. Achei que seria muito pior procurá-las a esta altura do campeonato. Não dá para cicatrizar tanto ódio em apenas um ano.

Pelo jeito, Bailey havia recebidos informações de uma boa fonte. Um fonte que certamente estava levando alguma. O capitão tomou outra golada de uísque e tragou o resto do café azedo por cima. Até me arrepiei, em solidariedade.

Ele limpou a boca e continuou:

— Fiz um testamento, imaginando que poderia compensar a minha ausência com um monte de dinheiro. Trata-se de um péssimo substituto para o amor,mas era melhor do que nada. Mas até isso azedou.

Claro. Bailey soube da bolada e queria tudo para si. E no meio do caminho havia uma garota chamada Lee. Minha bateria estava quase no fim, mas consegui reunir um fiapo de voz para perguntar:

— Mais alguém sabe dessas duas filhas?

— Não — respondeu, olhando para a parede atrás de mim. — As mães das duas já morreram, uma em acidente de carro e a outra com pílulas. Então... Hum, espera aí. Meu advogado fez o testamento!

Bingo.

— Preciso de um favor. Pegue o telefone e liguepara a sua outra filha. A vida é curta demais e o inferno mais quente é aquele onde estão todos os arrependimentos.

Espero que minha assistente social tenha tomado conhecimento da minha boaação. Até o Papai Noel sabe quem foi bom e quem foi mau. Se ele consegue saber, qualquer um consegue. Enfraquecido, flutuei até Los Angeles, a cidade dos anjos.

***

CAPÍTULO 12.

No apartamento de Lee, no bairro de La Brea, há um pequeno quintal. Ela gosta de plantar flores e assim dar um pouco de cor natural ao asfalto, ao concreto e ao néon que cobrem quase toda a bacia do Pacífico. Lee tem o dedo verdee nem mesmo a fumaça mata seu jardim. Colombinas, cravos, violetas, tudo cresce.

Fiquei feliz por não ter que pisar nasflores. Flutuei, leve como a brisa do Pacífico, até a janela. Respirei profundamente, lembrei que eu já tinha passado dessa fase há muito tempo e espiei pela vidraça.

Um homem com um revólver estava atrás de Lee, que escrevia algo num pedaço de papel, provavelmente algo que ela não gostaria de escrever. Sua expressão parecia calma, exceto pelos lábios, que tremiam. Seus olhos estavam inchados de tanto chorar e aquelas lágrimas com certeza eram pela minha morte, e não por ela mesma.

Você sabe o que é ser amado? Nem todas as pessoas sabem. A falta de fé havia perseguido cada um de meus passos em vida, mesmo quando mulheres maravilhosas declaravam seu amor a mim, abriam seus corações e suas almas e me convidavam para consumir tudo que eu quisesse. Incondicionalmente. E ainda assim, eu duvidava. Mas, naquele instante, vendo minha namorada chorar, com minha fotografia sobre a mesa cercada por uma dezena de lenços de papel, eu soube.

Meu Deus, era linda. Estava com medo de que, ao vê-la, eu ficasse esgotado e meu tecido etéreo fosse destroçado em retalhos existenciais. Mas, em vez disso, me senti energizado, estimulado, alimentado pela raiva e pelo amor e pela esperança de uma eternidade juntos.

Esperança. Lá estava ela novamente.

Tão grande e verdadeira que nem mesmo um cínico como eu poderia negá-la.

Atravessei a parede.

E dei de cara com Diana.

Não apenas trombei com ela, com naqueles casos em que você vê uma ex-namorada na rua, dá um sorrisinho amarelo e manda um “tudo bem?” e um “até mais”, sem outras frases pelo meio.

Não, eu estava dentro dela, unidos mais profundamente do que jamais conseguimos em nossas acrobacias no quarto.

Admito que minha ideia de amor era principalmente um sentimento de pele e minha única expressão de afeto era seguir a única parte de mim que sempre parecia estar prestes a saltar no abismo. Eu havia me envolvido com algumas mulheres maravilhosas, e eu estimava todas elas, mesmo que jamais tenha conseguido respeitar alguém que fosse burra o suficiente para se apaixonar por mim.

Então, toda aquela intimidade abrupta e intensa realmente havia me tirado do sério. Diana nunca havia invadido meus pensamentos, em nenhum nível, e agora lá estava ela dentro da minha carne espiritual, seu tecido etéreo enredado no meu, dois anjos discutindo o próprio sexo.

— Temos que conversar — disse/pensou/gritou/sussurrou Diana.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu fiz um juramento. Fazer da sua vida um inferno. Por que eu iria parar na melhor parte?

Olhei de relance para a Lee, que continuava a escrever. O Gorila Armado continuava impassível. Diana e eu, aparentemente, estávamos invisíveis.

— Sai de dentro da minha cabeça!

— Ah, deixa disso, amor. Você disse que eu era sua cara-metade, lembra? E agora que isso é literal, você fica com frio na barriga?

— Porque minha barriga está morta há dois dias!

Tentei espantá-la agitando os ombros, como quem expulsa um macaco de estimação das costas, mas ela parecia colada ao âmago do meu ser. Na parte mais sombria.

Lembrei-me das palavras da assistente social, sua conversa sobre arrependimentos e sobre aproveitar segundas chances. E sobre aquilo de que eu mais fugia.

Culpa.

Ali, no mausoléu do meu coração, o caixão com o nome de Diana estava recheado com putrescências pesadas e roídas por vermes, de podridão inimaginável. Achei que tudo aquilo estava lacrado, que estava tudo enterrado e que o fedor jamais subiria.

Sei que não a matei. Ela havia tomado aquela decisão sozinha, aconselhada por qualquer guia cósmico que tenha consultado. Meuerro foi ter me recusado a permitir que ela vivesse inteiramente.

Não, ela não havia sido Diana Kelly Rognstad Steele, um ser de amor e luz, um dos filhos especiais de Deus. Ela não havia sido uma mulher, uma entidade sagrada que eu respeitava, cultivava e celebrava. Diana não havia sido um templo de tudo que há de mais valoroso.

Nada disso.

Ela não havia sido nada além de um depósito para minha dor, minha sombra e meu egoísmo.

Eu não conseguia vê-la, masa sentia, e ela havia me acompanhado nessa jornada aos recônditos mais escuros da minha alma. Seus olhos se arregalaram, surpresos, e talvez até um pouco solidários.

— Richard — sussurrou Diana, no tom de voz que ela usava em seus momentos mais ternos e generosos, quando tudo ia bem, quando éramos virgens um para o outro, aventureiros, corajosos e conectados.

— Sinto muito — falei apenas isso e foi o suficiente. Pela primeira vez na vida, eu havia dito aquela frase sem continuá-la com um "mas" inaudível e acompanhado de uma ladainha de justificativas e desculpas para comportamentos patéticos e covardes.

Lágrimas escorreram pelos nossos rostos compartilhados, gotas cálidas como o oceano Pacífico em agosto, frescas como lençóis de amantes enquanto o suor evapora, ferventes como as chamas do inferno de Diana, geladas como o dedo da Morte quando ela cutuca seu ombro e chama você para casa.

— Você me amou? — Indagou ela e eu a abracei do jeito que pude, já que partilhava o braço com ela.

— Sim, e ainda amo — admiti, numa resposta verdadeira e nem um pouco contraditória. Olhei para Lee, que parecia congelada no mundo real, debruçada sobre suas anotações, dolorosamente maravilhosa e irradiando toda a luz que eu havia aprendido a admirar. Aquele amor não significava traição nem que eu estivesse me rebaixando ou sendo dúbio.

Em minha mesquinharia, eu não havia percebidoque o amor era ilimitado, que ele fluía vindo de algum lugar além de nós, melhor do que nós. Que somos apenas dutos e nossa tarefa é simplesmente manter os canais abertos e deixá-lo jorrar, em vez de entupir as torneiras com nossos medos.

— Eu te amo e sempre amarei— completei. — Para sempre.

Aquela confissão deve ter vazado por entre as fronteiras da vida e da morte, pois Lee levantou a cabeça e olhou para o trecho de parede onde eu

estava imerso em minha ex-mulher.

— Acaba logo com isso — ordenou o bandido.

Os lábios de Lee se repuxaram num meio sorriso que parecia um sinal secreto. Aprovação, talvez? Compreensão?

Fui inundado pelo calor de Diana, por toda a umidade fecunda e inocente em que eu havia me banhado tantas vezes e a sentisubindo ao éter.

— Missão cumprida. Estou livre.

E assim, sem mais nem menos, todo o ressentimento foi embora, e eu lhe desejei felicidade e boa sorte.

— Eu te amo também — ecoou o último sussurro de Diana.

A missão de Diana havia acabado, mas a minha não. Sequei as lágrimas invisíveis e retomei meus poderes. Mesmo desencarnado, eu estava carregando um peso interno que, ao ser levado para a luz, acabou com todo o veneno e todas as sombras. Minha bateria espiritual estava sendo drenada por minha teimosia em manter comportamentos antigos, danos passados e culpa não correspondida.

Achei que não conseguiria me materializar de novo e eu tinha quefazer alguma coisa. Não suportava sequer pensar em ver a Lee morrer injustamente, mesmo que a morte a trouxesse para meu lado do mundo espiritual.

O gorila armado usava um bigode no estilo de Errol Flynn e era esperto o bastante para usar luvas. Eu não tinha dúvidas de que as impressões digitais de Lee estavam no cabo daquele revólver e que o rifle que havia me matado estava no armário. Flutuei até a Lee, cheirei seu cabelo, li as palavras escritas:

A culpa está sendo insuportável. Me desculpe pelo que fiz com você, Richard. Você foi meu único amor. Por isso eu não poderia deixar você amar outra pessoa. Onde quer que você esteja, tenho certeza de que me entenderá.

Não posso pagar pelos meus pecados, mas posso evitar que eu volte a fazermal a alguém.

Lee

Qualquer um que conhecesse a Lee veria que aquele bilhete não estava escrito na letra dela. Ela havia segurado a caneta em uma posição diferente

do normal, entre dois dedos e o polegar, e não entre um dedo e o polegar. Que mulher esperta. Ela estava com uma arma apontada para a cabeça e ainda assim conseguiu manter o sangue frio e estragar um crime quase perfeito, deixando pistas para os especialistas em caligrafia.

— Não é nada pessoal — disse o gorila, que até cheirava como um advogado, um odor de perfume, alho e vinho.

— Espero que você queime no inferno.

— Vou me queimar sim, mas nas praias de Singapura — ironizou, gabando-se com a confiança de um pilantra sórdido que estava certo de escapar impune de um assassinato. Ou melhor, de dois assassinatos. E queainda havia tido a esperteza de incriminar a Bailey,caso alguma coisa desse errado. Isso e milhões de verdinhas iriam lhe garantiro tempo necessário para fugir do país.

— A polícia deve estar vigiando o meu apartamento. Eles me interrogaram — disse Lee, baixando a caneta.

— E toda essa pressão levou você a cometer suicídio. Culpa é uma coisa chata, né?

Lee se recostou na cadeira e olhou pela janela. O sol entrava no quarto e a sombra de uma palmeira lhe cobriu o rosto. Eu conhecia aquele olhar muito bem: era duro e determinado. Ela não daria ao assassino o prazer de fazê-la baixar os olhos.

— Sabe o que eu não perdoo? — Comentou ela, como se o bandido fosse uma criança teimosa. — Você me tirar as únicas coisas por que vale a pena viver. Você levou Richard e agora está levando o pai que eu sempre quis ter.

— Pode chorar o quanto quiser.

Tentei me concentrar para criar corpo. Se o advogado, Bailey DeBussey e seu amante de cabelo escovinha conquistassem uma vida de luxo, eles venceriam. Se a Lee morresse, eu fracassaria. Se não conseguisse a força de vontade para me materializar, eu perderia. E não havia muitas segundas chances para o amor eterno.

Eu tinha feito uma baita faxina no mausoléu da minha pobre alma. Não iria deixar nenhuma sujeira acumular nos cantos novamente.

Cheguei perto do ouvido do bandido e me enfiei dentrodo canal auditivo, até chegar ao tímpano. “Vamos lá”, eu pensava, “faça acontecer. O que minha assistente social disse? Fé. Tudo se resume a FÉ.”

Eu estava gritando por dentro, mas só consegui emitir um leve sussurro:

— Ei, você.

O advogado empinou a cabeça e coçou a orelha.

Fé.

Olhei para o rosto de Lee e tentei novamente, levantando a voz a um tom de mosquito:

— Aqui é Deus, seu idiota.

— Hein? — O bandido olhou à sua volta, boquiaberto.

— Você tem sido um mau garoto — sussurrei. Lâminas psíquicas cortavam minha essência, minha bateria pulsava com o restinho de carga, mas eu continuava insistindo. — Deus não gosta de maus garotos.

Talvez eu não devesse me fingir de Deus. Era possível que isso me prejudicasse mais tarde. Mas foi a administração do Lugar de Luz que estabeleceu as regras, não eu. Foram eles que me deram o poder e a missão. E uma nova chance.

Eles haviam me ensinado a ter esperança. E que se dane, eu era apenas um canal. Continuei:

— Deus não está feliz com você.

O bandido balançou a cabeça e baixou a mão que empunhava a arma. Ele se esqueceu de Lee, de tão estupefato.

— Deus vai te dar uma surra agora — murmurei.

Logo em seguida Lee deu um pontapé na mão dele, lançando o revólver pelo chão ruidosamente e pulou da cadeira, despejando uma saraivada de golpes no pescoço e no estômago do infeliz. Quando ele perdeu o fôlego, saí de seu corpopara admirar o show.

Lee era boa naquilo. Bastaram trinta segundos para acabar com o cara, que nem sangrou. Mas ele ia ficar com uns hematomas bem feios. Ela era piedosa, mas não tanto.

Depois de amarrar as mãos do bandido, ela chamou a polícia. Tentei me materializar, enlouquecido de desejo, mas estava completamente esgotado. E Lee saiu logo depois.

Se ela ouviu minha imitação de Deus, não reconheceu minha voz.

CAPÍTULO 13.

Mais tarde, fui até a delegacia, onde Uhlgrenestava relatando o caso para o promotor de justiça. Acontece que o advogado de Ron Wesmeyer pagou a faculdade de direito fazendo bicos como matador de aluguel. Quando viu a oportunidade de fazer um trabalho de dois milhões de dólares, ele voltou aos velhos hábitos. O plano, no entanto, era embolsar os dez milhões sozinho.

O advogado acusou Bailey e o namorado. Era ela a autora da armação toda. Pelo jeito, a inteligência está no sangue, como a beleza. É uma pena que Bailey tenha desperdiçado esse talento, ao contrário da irmã.

Essa foi a única coisa que lamentei. Lee havia encontrado a família, mas uma das maçãs estava podre. Bem, não dá para ter tudo, ainda mais em Los Angeles, e principalmente na época de Natal. Pode até ser possível, mas, na minha experiência, seria um desperdíciode reza. Acho que até a esperança é limitada.

Passei quase todo o tempo que me restava perto de Lee. Foi uma alegria observar seus rituais diários, seus treinos de caratê, suas visitas ao pai. Eles estavam se entrosando. Lee iria ficar bem.

Só me faltava terminar um negócio inacabado na Terra.

CAPÍTULO 14.

Meu velório foi muito bonito. Eu não sabia que tinha tantos amigos. Foi bom ver o Wesmeyer ao lado de Lee. O discurso do padre foi tão inspirador que achei que viraria santo.

Lee depositou um belíssimo buquê de flores sobre meu peito, com rosas brancas, miosótis e lírios amarelos, todas vindas de seu jardim. A funerária havia feito um bom trabalho, pois eu parecia dormir e sonhar com algodão-doce. Ao final, os presentes formaram uma fila para entrarem nos carros e seguirem para o cemitério, mas Lee voltou ao meu caixão.

Fé.

Tudo se resume à fé, à crença no certo e no errado, na justiça, na esperança e no amor. Amor, ou gostar dealgo além do seu próprio nariz e também acreditar em si mesmo, para que se tenha algo a oferecer. E não apenas acreditar em si, mas crer na sua peça do quebra-cabeças maior, algo que encaixa, mas nem sempre tem o formato que você quer. Alguém ou alguma coisa, talvez um guru risonho em uma grande sala do Lugar de Luz, tinha um plano melhor. Eu tirava força disso. Eu conseguia. Eu conseguiria viver novamente, ainda que por um instante.

Madame Titanic estava sentada no último banco da igreja. Ela deu um meio sorriso e depois fechou a cara, apontando para um relógio de pulso invisível e estendendo os cinco dedos da mão. Restavam cinco minutos para ficar morto e vivo.

Gastei o restante da minha energia incorporando em mim mesmo. Os olhos molhados de Lee se arregalaram, mas ela não gritou. Minha garota não era o tipo de mulher que se deixa abalar com coisas pequenas como o fantasma do namorado. Talvez o pai tivesse lhe contado da minha visita.

— Oi, meu amor. — Tentei soar suave, o que é meio difícil para um cadáver.

— Richard?

— Sim.

— Mas você.. Você…

— Isso mesmo — confirmei.

— Ah, meu amor — exclamouLee, e mais lágrimas escorreram por seu belo rosto. Eu não sabia que dava para tirar tanta água de uma pessoa.

Aquilo me fez bem, de alguma forma bizarra.

— Escuta, meu amor, eu não tenho muito tempo. — Enxuguei suas lágrimas, vigiando para que o padre não aparecesse e desistisse de todas as suas convicções. A Igreja só autorizava a presença de um espírito, o Espírito Santo, não Richard Steele. Tudo bem. Eu poderia passear por outros templos.

— O negócio é o seguinte: eu deveria ter dito isso mais vezes. Mas eu te amo. Para sempre.

Mais lágrimas. Desta vez, minhas.

Choro de fantasma é frio, coisa muito séria.

Lee pegou minhas mãos. Eu estava gaguejando, tremendo. Minhas moléculas terrenas iriam se desintegrar finalmente.

— Eu não me importo se você encontrar outro cara.

Ela balançou a cabeça negativamente e apertei suas mãos.

— Pode ser que você nem pense em namoro por algum tempo, mas algum dia isso pode acontecer. Só quero lhe pedir uma coisa.

— Qualquer coisa — disse ela, com a tristeza ecoando na voz.

— Guarda a última dança para mim, tá?

Ela fez que sim, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Com um último esforço de vontade, beijei-a bem forte, para que ela não achasse que tudo aquilo era uma alucinação. Meus lábios ficaram dormentes, e então meus dedos, e todo o meu corpo provisório.

— A propósito — murmurei —, obrigado pelas flores. Você sabe mesmo como fazer um velório.

E então virei névoa, disperso pelos ventos do tempo e do universo, rumo a onde quer que aquele lugar de luz fosse.

Gosto de pensar que é o céu.

Afinal, sou um otimista.

FIM

Voltar ao[Sumário]

###

Sobre o autor:

Scott Nicholson é um escritor de sucesso internacional, autor de mais de trinta livros, entre eles *A Igreja Vermelha*, *O Abrigo*, *O Anel de Caveira*, *Desintegração* e *Páginas Policiais*. Saiba mais visitando o site do autor, em www.hauntedcomputer.com/

Sobre o tradutor:

A TranslaCAT (www.translacat.com) é uma agência de tradução do Rio de Janeiro, e traz para o mercado brasileiro a versão em português dos best-sellers do escritor Scott Nicholson. Tradução de Flávia Assis. Revisão de Karine Jost

Voltar ao Sumário

###

Sobre o autor:

Scott Nicholson é um escritor de sucesso internacional, autor de mais de trinta livros, entre eles *A Igreja Vermelha*, *O Abrigo*, *O Anel de Caveira*, *Desintegração* e *Páginas Policiais*. Saiba mais visitando o site do autor, em www.hauntedcomputer.com/

Sobre o tradutor:

A TranslaCAT (www.translacat.com) é uma agência de tradução do Rio de Janeiro, e traz para o mercado brasileiro a versão em português dos best-sellers do escritor Scott Nicholson. Tradução de Flávia Assis. Revisão de Karine Jost

Descrição do produto:

DEPOIS: PRIMEIRA LUZ

O romance que antecede a série pós-apocalíptica Depois.

Quando os cientistas da NASA detectaram uma intensa atividade solar, as advertências passaram despercebidas. Logo depois as comunicações falharam, a energia acabou e a infraestrutura tecnológica do mundo entrou em colapso.

Rachel Wheeler se esforça para adaptar-se, assim como outros sobreviventes, mas a situação é ainda pior do que se imagina. A radiação solar afetou os impulsos elétricos do cérebro humano. Bilhões de pessoas morreram. Eles podem ter tido sorte: os outros se transformam em assassinos ensandecidos.

Não há mais nada a fazer senão correr.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B01N5IGL0F

DEPOIS: O CHOQUE

O primeiro livro da série pós-apocalíptica DEPOIS de um autor internacional campeão de vendas.

Uma gigantesca tempestade solar acaba com a infraestrutura tecnológica do mundo e mata bilhões de pessoas. Enquanto os sobreviventes lutam para se adaptar e sobreviver, percebem que algo entre eles… mudou.

Rachel Wheeler está sozinha na cidade, onde violentos sobreviventes chamados de "sequelados" vagam pelas ruas numa onda de assassinatos e destruição. Sua única esperança é chegar às montanhas, onde o avô — um lendário sobrevivencialista — estabeleceu um complexo para se preparar para o juízo final.

Outros sobreviventes estão fugindo da cidade, mas os sequelados não são o único perigo. Bandos desgarrados de militares querem impor a própria ordem nas ruínas decadentes da civilização. Quando Rachel descobre um menino de 10 anos, seu ímpeto é cuidar dele, arriscando a própria vida, se necessário.

Os sequelados, no entanto, estão evoluindo, desenvolvendo habilidades enquanto destroem a sociedade que acabarão por substituir.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B01N7KYCDA

DEPOIS: O ECO

(Segundo livro da série *Depois*)

Seis semanas após o choque.

A fumaça diminui no horizonte e Rachel Wheeler parte com seus dois companheiros para uma viagem às montanhas, onde o avô Franklin construiu um complexo de sobrevivência.

No entanto, os sequelados — pessoas que sofreram estranhas mutações — parecem estar mudando de assassinos sanguinários a uma força muito mais ameaçadora. Uma instalação militar secreta pode ser a chave para a reconstrução da civilização, mas Franklin não confia nas intenções de seus ocupantes.

Os sequelados estão adaptando-se ao novo mundo mais rápido do que os sobreviventes humanos, que devem lutar por seu lugar em um futuro que talvez não conte com eles.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B01MY0P6RS

RETIRO MACABRO

Um suspense gótico moderno.

Após a parapsicóloga Anna Galloway ter sido diagnosticada com câncer avançado, ela teve um sonho recorrente no qual vê o próprio fantasma. O

cenário do sonho era o histórico Solar Korban, agora um retiro para artistas numa remota área das Montanhas Apalaches. Levada tanto pelas histórias de fantasma que rondavam as redondezas do solar quanto pelo próprio senso de destino, Anna inscreve-se para o retiro.

O escultor Mason Jackson veio ao Solar Korban para sua última e derradeira tentativa de sucesso antes de desistir de seus sonhos. Quando ele fica obcecado com a ideia de esculpir a forma de Ephram Korban em madeira, começa a questionar sua motivação, mas é engolfado por um frenesi criativo irresistível.

O solar possui seus segredos, com fogos que queimam eternamente nas lareiras, retratos de Korban em todos os aposentos e espelhos misteriosos nas paredes. Com a lua azul de outubro espreitando, tanto os vivos quanto os mortos aprendem sobre o real poder dos sonhos.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00FW6R6TU/

DESINTEGRAÇÃO

Quando um incêndio misterioso destrói sua casa e mata a filha pequena, Jacob Wells é jogado em uma espiral descendente que o leva cada vez mais para perto de um passado que ele julgava morto e enterrado.

Agora, seu irmão gêmeo Joshua está de volta, procurando saldar velhas dívidas e reclamar sua metade da herança dos Wells. A esposa de Jacob, Renee, luta com a própria culpa, pois o casal havia perdido outra filha vários anos antes.

À medida que Jacob e Joshua voltam aos papéis invertidos que adotaram nas mãos de pais cruéis e exigentes, eles entram em uma guerra de orgulho, riqueza e paixão. Eles dividem o amor venenoso de uma mulher que, com prazer, arruinaria ambos: Carlita, uma hispânica provocante e manipuladora cuja família imigrante ajudara a construir a fortuna dos Wells.

Se pelo menos Jacob descobrisse a quem culpar... Mas as linhas da identidade estão misturadas, pois Joshua e Jacob compartilham muito mais do que o sangue.

E os jogos infantis tornaram-se mortalmente sérios.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00CEAYC3K
http://www.authorscottnicholson.com/desintegracao/

A IGREJA VERMELHA

Para Ronnie Day, de 13 anos, a vida é cheia de problemas: Papai e Mamãe se separaram, o irmão Tim é uma peste constante, Melanie Ward o ama ou o odeia, e Jesus Cristo não fica em seu coração. Além disso, ele tem que passar pela igreja vermelha todos os dias, onde o Monstro do Sino se esconde com suas asas e garras e fígado nos olhos. Mas o maior problema é que Archer McFall é o novo pregador da igreja, e Mamãe quer que Ronnie assista aos serviços da meia-noite com ela.

O delegado Frank Littlefield odeia a igreja vermelha por um motivo diferente. Seu irmão menor morreu em um terrível acidente na igreja há vinte anos, e agora Frank começou a ver o fantasma do irmão. E o fantasma exige: "Liberte-me". As pessoas estão morrendo em Whispering Pines, e os assassinatos coincidem com o retorno de McFall.

Os Day, os Littlefield e os McFall são descendentes das famílias originais que povoaram a comunidade rural das Apalaches. Essas famílias antigas compartilham um segredo de traição e culpa, e McFall quer que a congregação prove sua fé. Porque ele acredita que seja o Segundo Filho de Deus, e que a purificação dos pecados deve ser feita com sangue.

— Sacrifício é a moeda de Deus — prega McFall, e, a não ser que Frank e Ronnie o detenham, todos pagarão.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B009XZQELM
http://www.authorscottnicholson.com/a-igreja-vermelha/

O ANEL DE CAVEIRA

O passado de Julia Stone volta rastejando quando ela descobre um estranho anel de prata e três homens a desejam. Escolher o homem errado pode custar não apenas seu coração, mas sua alma.

A Dra. Pamela Forrest está determinada a trazer à superfície as memórias de Julia, na esperança de curar sua síndrome do pânico. A terapeuta faz com que Julia volte repetidas vezes a uma noite vinte e três anos atrás, quando Julia estava com quatro anos. Uma noite com pessoas encapuzadas, estranhos cânticos, dor e sangue. A noite na qual seu pai desapareceu da face da terra.

Mas a linha que divide o passado do presente começa a ficar fora de foco quando Julia descobre um anel de caveira prateado que tem o nome “Judas Stone”. Alguém está deixando estranhas mensagens dentro de sua casa, mesmo com a porta trancada. O faz-tudo, que possui a chave, passa um bom tempo na floresta atrás de sua casa. Seu namorado, Mitchell, se torna

distante e violento. E o policial que investigou o desaparecimento de seu pai a seguiu até a pequena cidade de Elkwood.

Agora ela possui uma mente cheia de lembranças, mas não sabe quais delas são reais. As sombras do pânico de Julia estão ficando maiores e mais escuras. Mas sucumbir à loucura parece mais seguro do que atender ao chamado dos sussurros que reivindicam domínio sobre seu corpo e alma.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B009XZXSXY
http://www.authorscottnicholson.com/o-anel-de-caveira/

O ABRIGO

Freeman Mills, um garoto de doze anos, chega ao abrigo para menores desajustados Wendover para um recomeço em sua vida. Recomeços não são fáceis para Freeman, vítima de experiências dolorosas na infância que lhe conferiram o dom de ler a mente.

Em Wendover, Freeman e as outras crianças estão sujeitas a mais experiências secretas organizadas por uma misteriosa instituição secreta chamada Fundação. As experiências, porém, produzem outros resultados além de poderes de clarividência: os campos eletromagnéticos usados nas experiências provocam manifestações dos espíritos dos pacientes que morreram em Wendover quando o prédio sediava um manicômio.

Até que a Fundação traz um cientista novo para o projeto, um cruel e instável pioneiro em estudos de percepção extrassensorial que realizava a maior parte do seu trabalho usando uma cobaia muito especial: o filho Freeman Mills.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00A0R9BDU/
http://www.authorscottnicholson.com/o-abrigo/

PÁGINAS POLICIAIS

Quando John Moretz aceita o emprego como repórter na pequena cidade de Sycamore Shade, nos Apalaches, surge uma onda de crimes que aumenta a circulação e deixa as pessoas inquietas. Uma vítima de assassinato é encontrada e Moretz é o primeiro a chegar na cena do crime.

À medida que mais corpos são descobertos, a polícia começa a suspeitar de Moretz, mas as vendas de jornais estão estourando devido à sua cobertura sensacional dos crimes. Seu editor está dividido entre segurar seu farejador de notícias e ganhar dinheiro, enquanto tem um caso com a repórter da cidade grande enviada para cobrir os assassinatos em série.

E Moretz parece estar um passo à frente dos outros repórteres, da polícia e até mesmo do próprio assassino.

PÁGINAS POLICIAIS é uma história de 22.000 palavras, equivalente a cerca de 110 palavras de um livro

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B006GWSBIE
http://www.authorscottnicholson.com/paginas-policiais/

ESPÍRITOS AFOGADOS

Um escritor aceita um trabalho em uma ilha remota no Oceano Atlântico, onde encontra uma mulher misteriosa que pede sua ajuda. Mas logo ele descobre que ela está presa no passado e pode estar tentando atraí-lo para que junte-se a ela sob as ondas, para sempre.

Um conto de 5.300 palavras.

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B005NWFEQ0
http://www.authorscottnicholson.com/espiritos-afogados/

DIA DE BALÃO

Toda criança adora um balão colorido.

Matina, claro, quer muitos balões em seu aniversário de seis anos. O pai tenta satisfazer seu desejo, mas os balões que entram na história não têm um final feliz.

Por fim, a surpresa de papai supera as expectativas e faz do aniversário de Matina um evento inesquecível!

Kindle: http://www.amazon.com.br/dp/B00CEAXGGY
http://www.authorscottnicholson.com/dia-de-balao/

Amor Morto, Amor Eterno
Autor
Descrição do produto